



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**A EXPERIÊNCIA DA PARENTALIDADE
DURANTE O CONFINAMENTO:
PERSPETIVA DE PAIS E FILHOS EM
FAMÍLIAS NUMEROSAS**

MARIANA VIEIRA COSTA

Orientador de Dissertação:
PROFESSOR DOUTOR DAVID MANUEL DIAS NETO

Professor de Seminário de Dissertação
PROFESSOR DOUTOR DAVID MANUEL DIAS NETO

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção de grau de:
MESTRE EM PSICOLOGIA
Especialidade em Psicologia Clínica

2021

I

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Professor Doutor David Manuel Dias Neto, apresentada no ISPA – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

AGRADECIMENTOS

Na reta final do meu percurso acadêmico, que tanto foi marcado por alegrias, gargalhadas e momentos de felicidade pura, quanto por tristeza, lágrimas e desacreditação, não posso deixar de fazer um agradecimento geral a todos, que de uma forma ou de outra, permitiram a concretização e o sucesso destes cinco tão bons anos.

Em primeiro lugar e, como não poderia deixar de ser, o meu eterno e insuficiente obrigada aos meus amados pais. Sem eles, sem o seu suporte, ajuda, paciência, acreditação, valores, mas sobretudo amor, a concretização deste sonho não poderia ser possível. Ao meu tesouro, o meu obrigada mais valioso.

Ao meu querido e doce irmão, que embora de doce, por vezes, tenha tão pouco (risos), quero agradecer pelo companheirismo, pelo amor, pela amizade, pela partilha. Não só ao longo destes cinco anos, mas em toda a minha vida. É e será sempre o meu pequeno grande homem.

Ao amor da minha vida, o meu PX'zinho (como tão amavelmente lhe chamo), o meu muito, muito obrigada. Por tudo e por nada. Talvez deva agradecer ao mundo por o trazer ou ao universo por o enviar para mim. Um obrigada, acompanhado da descrição de todo o amor que sinto por ti.

A toda a minha restante família, especialmente à minha avó e madrinha/maná do coração, o meu sincero e enorme obrigada por estarem sempre ao meu lado, a caminhar comigo e a preocuparem-se como se fosse uma parte de vós.

Às minhas amigas mais especiais – Ana, Helena e Margarida, que tantas vezes precisaram de respirar fundo para lidar com as minhas milhentas perguntas sobre tudo e sobre nada. Pela amizade, pela partilha, pelo carinho e por serem vocês. Para sempre as minhas meninas.

Ao professor David Neto pela disponibilidade, partilha, interesse e paciência. Repito como da primeira vez “escolhi-o para meu orientador de dissertação, não pelo interesse que tinha nos seus temas, mas pela pessoa que é”. Obrigada por tornar este percurso mais possível.

Como não poderia deixar de ser, um grande e sincero obrigado às famílias que se juntaram a mim, que disponibilizaram o seu tempo e partilharam comigo a sua experiência daquilo que é o tema da dissertação. Estou-vos grata.

RESUMO

Problema: Apesar dos múltiplos estudos e teorias existentes em torno da Parentalidade, durante o período de confinamento por perigo de contágio de COVID-19, ainda não existe nenhum estudo que coloque em evidência a perspectiva de pais e filhos sobre a parentalidade dos pais durante um período tão atípico quanto o que passou. Esta perspectiva fornece uma compreensão bastante ilustrativa da complexidade da dinâmica familiar. **Objetivo:** A presente investigação compreende formas de adaptação ao confinamento e a relação com o processo de parentalidade.

Método: O estudo é introduzido junto de duas famílias, com pelo menos uma criança e um adolescente, num total de treze participantes entre os 3-42 anos, através de uma abordagem qualitativa, suportada pelo método de análise da *Grounded Theory* (GT). Para a realização da sua análise e obtenção de dados qualitativos, implementaram-se entrevistas semiestruturadas, englobando questões acerca da perspectiva da dinâmica familiar e o processo de confinamento.

Resultados: Os resultados obtidos demonstram que os pais e os filhos, em ambas as famílias, têm uma experiência razoável do confinamento, evidenciado pontos positivos comuns, como a Disponibilidade Parental, e negativos divergentes, como Imposição de Regras e Limites, na ótica dos filhos, e Sobrefunções Parentais no entender dos pais, contributivos da perceção de parentalidade. Desta forma, os resultados encontrados corroboram a literatura mencionada, sobretudo no que concerne as práticas parentais em famílias numerosas.

Palavras-Chave: parentalidade, confinamento, COVID-19, famílias numerosas, dinâmica familiar, *Grounded Theory*

ABSTRACT

Problem: Regardless of multiple studies and theories around parenthood, during isolation due to risk of COVID-19 being so contagious, there is still no study that puts in practice the perspective of parents and their children from a parental standpoint during such harsh times that has passed. This perspective provides to an extent the understanding of family dynamics to its complexity. **Objective:** The present investigation has forms of adaptation to the current isolation and the relation of the parenthood process. **Method:** The study is introduced to two families, with at least one child and one teenager, to a total of thirteen participants between 3-42 years of age, through a qualitative research, supported by methodology strategy of Grounded Theory (GT). For the realization of qualitative data, there will be implemented semi-structured interviews, having in context the perspective of family dynamics and isolation process. **Results:** The results obtained shows that both parents and sons in two families, have a reasonable experience of the lockdown, showing common strengths such as Parental Availability and negative points diverged like Imposition of Rules and Boundaries, regarding the sons perspective and Parenting Overfunctions in parents behalf, that helps with the parental perception. Although, the results obtained confirms the literature in question, specially when it comes to the parental practices in numerous families

Keywords: parenthood, lockdown, COVID-19, numerous families, family dynamic, Grounded Theory

ÍNDICE

Introdução.....	8
1. COVID-19	9
2. Parentalidade	10
4. Experiência da Parentalidade durante Confinamento em Famílias Numerosas.....	20
Presente Estudo	23
Método.....	25
Participantes.....	25
Procedimento	26
Entrevista.....	27
Análise de Dados	27
Processo de Codificação.....	29
Codificação Inicial	29
Codificação Focalizada	29
Codificação Axial.....	29
Codificação Seletiva.....	36
Resultados.....	37
Discussão	45
Referências Bibliográficas.....	48
ANEXOS	56
ANEXO I – Guião de Entrevista aos Pais	57
ANEXO II – Consentimento Informado.....	59
ANEXO III – Assentimento Informado.....	60
ANEXO IV – Cronograma disponibilizado às Famílias.....	61
ANEXO V – Questionário Sociodemográfico.....	62
ANEXO VI – Índice de Codificações Iniciais.....	63

ÍNDICE DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1. Características Gerais dos Participantes	26
Quadro 1. Relações Categriais de acordo com a Perspetiva dos Pais	30
Quadro 2. Relações Categriais de acordo com a Perspetiva dos Filhos	33
Quadro 3. Relatos dos Pais acerca da Parentalidade durante o Confinamento	38
Quadro 4. Relatos dos Filhos acerca da Parentalidade durante o Confinamento	40

Introdução

Fora no decorrer do ano de 2020, mais concretamente no início do mês de março que durante cerca de dois meses, as entidades governamentais portuguesas, à semelhança de tantas outras a nível mundial, confrontaram-se com a necessidade de controlo da disseminação do vírus Covid-19, cada vez mais crescente, através da aplicação do decreto-lei 14-A/2020 que determinou o estado de emergência, a nível nacional (Diário da República Eletrónico, 2020). Inesperadamente, as famílias, antes habituadas a uma rotina fora de casa e, em constante interação com o meio, necessitaram, forçosamente, de se adaptar a uma nova realidade, alterando toda a gestão familiar e laboral. O cenário anterior à pandemia fora substituído por situações remotas de trabalho e, no caso das crianças, diferentes perspetivas e capacidades educacionais, com recurso aos meios tecnológicos existentes (Cluver, et al., 2020; Payne, 2020). Assim, a realidade do confinamento, inclui, para milhões de pais, cuidar e educar os seus filhos, enquanto continuavam a desempenhar as suas funções (Payne, 2020), sem que se pudessem valer das redes informais de apoio familiares (e.g. avós e amigos) (Crook, 2020).

De acordo com Borges (2010), as rotinas familiares são fundamentais nas práticas parentais, no que diz respeito à previsibilidade e autorregulação dos seus comportamentos, fomentando sentimentos de pertença, segurança e proteção dos seus membros. Embora a sua estabilidade se torne, facilmente, vulnerável face às pressões do meio e da própria situação de isolamento (Direção Geral da Saúde, 2020). Especificamente, o conjunto de atividades parentais propositadas para assegurar a sobrevivência, segurança, e desenvolvimento da criança – parentalidade – (Hoghughi, 2004) merecem especial destaque, já que em situações de crise os papéis e atividades parentais tendem a ser redefinidos (Young et al., 2002). De acordo com a literatura e estudos empíricos, estas alterações podem ocorrer positiva ou negativamente, como resposta a situações de *stress*, sobrecarga e/ou esgotamento parental (Gaspar, 2020). No entanto, podem também ser desencadeadas por fatores como o espaço físico habitacional (Perrin, Leslie & Boat, 2016), condições socioeconómicas (Doyle, 2020) ou o número de filhos (Marchetti, et al., 2020). Torna-se importante considerar que a parentalidade não poderá ser abordada apenas sob a perspetiva da influência dos pais sobre os filhos, mas das influências mútuas entre ambos (Maccoby, 2000) uma vez que o comportamento da criança afeta a adaptação dos pais, tanto quanto a adaptação dos pais afeta o comportamento da criança (Neece, McIntyre & Fenning, 2020).

1. COVID-19

A COVID-19 faz parte de uma grande família comum de vírus denominada de coronavírus que, por norma, afeta diferentes espécies de animais e não humanos. Apesar disso, a COVID-19 diz respeito à decorrente infeção por SARS-CoV-2, que teve o seu primeiro caso de transmissão em Wuhan, na China, a dezembro de 2019, por alegada transmissão zoonótica. Entre as muitas particularidades existentes, esta doença caracteriza-se por um grande número de doentes assintomáticos, gerando um risco de contágio bastante elevado, o que faz com que a disseminação evolua a um ritmo desmedido e seja transversal a todo o mundo (Ministério da Saúde Brasileiro, 2020). Os sintomas da COVID-19 podem facilmente ser confundidos com os de uma gripe ou de uma constipação, como a febre, tosse, dores musculares e de garganta ou, cansaço. No entanto ambas as infeções são provenientes de vírus diferentes, pelo que se comportam de forma desigual no organismo (DGS, 2020).

De acordo com a Direção Geral da Saúde (2020), o primeiro caso de infeção por coronavírus em Portugal é conhecido no dia 2 de março de 2020 e, sendo este o primeiro marco na contagem do número de infetados no país, é expectável que, ao longo dos dias, os casos vão acompanhando um crescimento exponencial. Assim, face ao temido perigo de contágio e consequente aumento do número de casos, dia 18 de março de 2020 é declarado, pelas entidades governamentais, nomeadamente o Presidente da República, o estado de emergência (DGS, 2020). O que veio dar origem ao isolamento social e ao confinamento em casa, deixando trabalhadores em *lay-off* e outros tantos em teletrabalho; crianças em casa e outras tantas, em telescola. Ou seja, uma família com uma rotina, habitualmente, estabelecida fora de casa, teve, rapidamente, se de adaptar ao novo atual, dando conta de uma nova gestão familiar e laboral (World Health Organization, 2020).

De acordo com Prime, Wade e Browne (2020), os efeitos do isolamento e confinamento domiciliares decorrentes da crise da COVID-19 causam mudanças profundas nas rotinas e rituais familiares, que anteriormente se tinham como garantidas. Assim, vão surgindo necessidades que têm de ser trabalhadas, como o reajustamento de expectativas e crenças e o estabelecimento de novos limites e hábitos pessoais e familiares. Nomeadamente, em famílias com filhos ou figuras que desempenham funções de pais, o confinamento inclui ter de cuidar dos filhos, educá-los, enquanto continuam a desempenhar as suas funções laborais (Payne, 2020).

2. Parentalidade

Antes de ser definido o conceito de parentalidade, importa, previamente, referir que existem contribuições distintas, de variados autores, que promovem o desenvolvimento da parentalidade, tal como é atualmente elucidada, em Psicologia. As construções de teorias explicativas da parentalidade diferem de acordo com fatores externos ao indivíduo, como a cultura, a religião, a geração, as impressões subjetivas e/ou contextos onde cada um está inserido, redefinindo, assim, a natureza da parentalidade de acordo com o seu percurso histórico e social (Ambert, 1994). Mas, por outro lado, também existem aspetos que são transversais a qualquer teoria explicativa, como a pobreza, a guerra e a imigração (Bennett & Grimeley, 2001). De qualquer forma, a determinação da qualidade parental é mensurada de acordo com critérios variados, pelo que não existe linearidade e representatividade das suas ações (Borges, 2010).

O termo parentalidade significa gerar, desenvolver ou educar (Hoghughi, 2004). Deste modo, a parentalidade vai muito para além da gestação e nascimento de um filho (Zornig, 2010), podendo ser definida como o conjunto de recursos internos e externos, utilizados pelos pais, para desempenharem atividades, com o objetivo de garantir a sobrevivência, o desenvolvimento (Barroso & Machado, 2011; Cruz, 2005; Hoghughi, 2004) e a socialização dos seus filhos, para que se tornem, progressivamente, mais autónomos (Maccoby, 2000), dentro de um ambiente seguro (Reder, Duncan & Lucey, 2003). Para a psicanálise, Houzel (2004), considera que o exercício da parentalidade envolve vários aspetos que têm que ver com a realidade psíquica de cada uma das figuras parentais, sobretudo as modificações psíquicas, decorrentes da gestação e do pós-parto. Sendo um conceito atual, enriquecido e global, a parentalidade advém de um processo evolutivo precoce que surge em primeira instância, em resultado dos contributos de Bowlby (1951), em conjunto com Ainsworth, nomeadamente a partir da criação do termo *attachament*, que diz respeito à interação recíproca entre mãe e filho, possibilitando, posteriormente, o estabelecimento de um vínculo afetivo nas relações interpessoais.

Já em 1958, Winnicott, por meio do conceito “*Good Enough Parenting*” determina que a parentalidade suficientemente adequada é o objetivo mais desejável que os pais tendem a querer fazer e atingir, considerando, desta forma, irreal a crença de que os pais têm de ser perfeitos em todo o seu esplendor. Em vez disso, devem adaptar-se às necessidades da criança, a fim de garantir a sua segurança e bem-estar (Hoghughi & Speight, 1998; Pereira & Alarcão, 2014). No entanto, é ao nível ecológico e socio-contextual que se posicionam os modelos teóricos mais examinados pela investigação (Barroso & Machado, 2010), como é o caso do

Modelo Ecológico de Bronfenbrenner, que se tornou num marco conceptual para a compreensão do desenvolvimento humano, ao considerar a influência simultânea de vários sistemas interlaçados na sua evolução – microssistema, mesossistema, exossistema e macrosistema. O contexto familiar, enquanto primeiro microssistema, é responsável pela construção de interações proximais significativas, que permitem a inserção da criança nos sistemas subsequentes (Bronfenbrenner, 2011). Perante isto, considera-se o modelo mais adequado para compreender os diversos fatores que influenciam a parentalidade (Bronfenbrenner, 2011; Pereira & Alarcão, 2014). Já ao nível socio-contextual, Belsky (1984) chama a atenção para a multiplicidade de fatores que determinam o comportamento parental, uma vez que existem aspetos que promovem atitudes parentais bem-sucedidas e outras que denotam maior dificuldade no exercício das suas funções. No entanto, um maior entendimento será fornecido, posteriormente. Por fim, Hoghughi (2004), através dos estudos realizados por Belsky e Bronfenbrenner, formulou as onze grandes dimensões da parentalidade que, para além, de providenciarem a avaliação das capacidades e competências parentais, permitem também avaliar as práticas parentais, tal como irá ser também clarificado (Barroso & Machado, 2011).

Uma vez apresentados os principais marcos contributivos da evolução histórica do conceito, é importante esclarecer que até aqui a parentalidade não era apresentada como um termo íntegro, mas é, por meio de autores como Bowlby, Winnicott, Belsky e Brofenbrenner que a parentalidade começa a ser pensada em termos concretos e a ser uma área de destaque, aplicada à realidade, com expansão em termos de determinantes, dimensões e funções. Assim sendo, de acordo com Zornig (2010) e Cruz (2005) a palavra parentalidade começa a ser recorrente na década de 60, no entanto, os autores são díspares no que diz respeito à forma como é empregada. Para Zornig (2010), surge na literatura psicanalítica francesa, como resposta ao exercício da relação dos pais para com os filhos, embora, as dimensões inerentes ao parentesco já tenham sido estudadas por outras áreas do saber. E na ótica de Cruz (2005), os primeiros estudos acerca da parentalidade centram-se, também eles, na década de 60, mas com Baumrind, por meio do aparecimento dos Estilos Educativos Parentais (EEP) – Autoritário, Democrático e Permissivo. Importa previamente referir que, embora os EEP não sejam a variável sobre a qual a presente literatura incide, os mesmos integram a vasta área da parentalidade, pelo que são frequentemente mencionados, estudados e relacionados e, por isso, devem ser tidos em conta para melhor entender o termo. Assim, de acordo com Baumrind (1966), os EEP podem ser classificados em função de níveis distintos de responsividade e exigência, por isso, os pais autoritários são altamente exigentes, têm regras claramente definidas

que esperam ser aceites sem questionamento por parte dos filhos, são controladores e pouco afetuosos. Os pais que adotam um EEP democrático são, simultaneamente, exigentes e responsivos, ou seja, são compreensivos, atenciosos, lisonjeiros, apelam à autonomia dos filhos, zelam pelos seus interesses individuais, mas são firmes, em momentos de divergência, utilizando a racionalização e o poder que a parentalidade lhes confere. Por sua vez, os pais permissivos, são, marcadamente, muito responsivos e pouco exigentes, comportam-se de maneira não punitiva, integram os filhos em questões de autoridade parental, apresentam-se como um recurso para que eles utilizem quando necessário, não são controladores, dando-lhes a máxima liberdade e autonomia. O que se traduz, futuramente, em comportamentos de risco ou de sucesso dos seus filhos (Baumrind, 1966). Adicionalmente, Maccoby e Martin (1983) modificaram a tipologia de EEP de Baumrind (1966), ao adicionarem um outro estilo parental: negligente, marcado por baixos níveis de responsividade e exigência dos pais. Ademais acrescentar que os estilos parentais diferem das práticas parentais em termos de intervenção, sendo os primeiros respeitantes a uma intervenção indireta, na medida em que servem de variável contextual, que media a relação entre as práticas parentais e o desenvolvimento da criança, e os últimos relacionados com uma intervenção direta no desenvolvimento de comportamentos e características específicas na criança (Darling & Steinberg, 1993).

A parentalidade, além das características apontadas aquando da caracterização do termo, compreende dimensões, funções e determinantes que a integram e que, por outro lado, permitem uma solidificação maior daquilo que é a parentalidade e do que é esperado no exercício da sua função. Embora, cada criança seja uma criança e cada mãe e pai sejam diferentes dos demais, existe um conjunto de critérios que são necessários ter em conta para delimitar as atitudes, funções e comportamentos parentais, ditos, normativos. Como já havia sido referido anteriormente, as onze dimensões da parentalidade estabelecidas por Hoghugh (2004) foram criadas por dois motivos distintos: facilitar a categorização das práticas parentais, na investigação; avaliar as mesmas, na prática e construir programas de suporte parental. De acordo com o modelo, a parentalidade divide-se em três grandes áreas: Atividades Parentais, Áreas Funcionais e Pré-Requisitos, que por sua vez se subdividem nas várias dimensões. São elas: As Atividades Parentais, que visam promover o bem-estar da criança, por meio de atividades necessárias e suficientes para uma “*good enough parenting*”, tais como: o Cuidado Físico, Emocional e Social; o Controlo e Disciplina; e Desenvolvimento. Cada uma das subdimensões mencionadas tem objetivos transversais a todas elas, como prevenir adversidades ou constrangimentos que possam prejudicar a criança, e promover situações positivas que

ajudem a criança; de seguida, as Áreas Funcionais dizem respeito à divisão das áreas funcionais da criança, ao longo da vida, desde recém-nascido a adulto, para fins de educação e apoio aos pais. São elas: a Saúde Física e Saúde Mental; Comportamento Social; e Funcionamento Educativo e Intelectual. Por fim, os Pré-Requisitos tem que ver com as tarefas complexas que os pais têm de realizar, de acordo com o contexto, uma vez que existe da parte dos pais um senso de compromisso e responsabilidade muito exigentes. Estes incluem: o Conhecimento e Compreensão; Recursos, Motivação; e Oportunidades.

Para que sejam asseguradas a sobrevivência, o desenvolvimento e a socialização dos filhos, os pais devem ter adquiridos um conjunto de funções que lhes permitam a efetivação do processo de parentalidade bem-sucedido. De acordo com alguns autores, essas funções passam por: satisfazer as necessidades básicas de sobrevivência e saúde; disponibilizar um mundo físico organizado e previsível à criança; responder às necessidades de compreensão cognitiva das realidades extrafamiliares; satisfazer as necessidades de afeto, confiança e segurança, que possibilitem relações de vinculação; e satisfazer as necessidades de interação social da criança e a sua integração, progressiva, na comunidade (Palácios e Rodrigo, 1998; Bornestein, 2002; Parke & Buriel, 2007).

Por fim, importa precisar o que determina a realização bem-sucedida da parentalidade ou, por outro lado, maior dificuldade no seu exercício. Como havia sido dito anteriormente, aquando se refere Belsky, pela sua contribuição num continuum histórico, é mencionada a existência de determinantes da parentalidade. As circunstâncias individuais, históricas, sociais (Gorin, et al., 2015) e genéticas (Barroso & Machado, 2011) têm tanta influência quanto os aspetos mais físicos e inerentes ao ser humano, como as características individuais da criança (e.g. temperamento); as fontes contextuais alargadas, onde a relação pais-criança se encontra estabelecida, como a relação marital, ocupação profissional e redes de suporte social e por fim, a personalidade dos pais e os recursos psicológicos pessoais (Belsky, 1984; Bem & Wagner, 2006; Belsky & Jafee, 2015). Segundo Belsky (1984), um alto funcionamento parental persistirá, mesmo que dois ou três determinantes estejam em risco, desde que conservados os recursos pessoais e psicológicos parentais.

De modo geral, a família é considerada um espaço privilegiado para a elaboração de aprendizagens e para o desenvolvimento do ser humano (Alarcão & Gaspar, 2007), no entanto, também está em permanente mutação (Gorin et al., 2015). Repara-se que ao longo dos últimos tempos, mais concretamente, desde o último ano, a capacidade individual, familiar, mas sobretudo, parental tem sido colocada à prova, pelas vicissitudes que a pandemia acarreta.

No subsistema parental, mais do que as funções executivas, às quais os pais estão sujeitos, no sentido de educar e proteger (Alarcão & Gaspar, 2007), ainda lhes foram conferidas as responsabilidades de ensinar, substituindo os professores, e de serem a única rede, sistemática e reduzida, de suporte aos filhos, substituindo a família alargada, amigos e vizinhos. Esta última ideia é corroborada por Belsky (1999), referindo que os pais que recebem apoio da família, amigos, comunidades ou religiosos, são mais suscetíveis de oferecer um ambiente de prestação de cuidados mais positivo.

Percebe-se que, apesar de ser extremamente compensador o papel de ser pai ou mãe, numa fase epidemiológica, também existem momentos muito exigentes, desgastantes e frustrantes (Cruz, 2014). É certo que a qualidade das interações pais-filhos e o estabelecimento de rotinas adequadas promovem o bem-estar de ambos, ao passo que, asseguram práticas eficazes e potenciadoras do desenvolvimento harmonioso dos seus filhos, futuramente, facilitam a capacidade relacional dos mesmos, com o meio envolvente, e os sentimentos de autorregulação dos pais e de pertença dos filhos (Borges, 2010). Por oposição, as situações geradoras de emoções negativas têm que ver com a intensidade, periodicidade e duração com que são vividas (Cruz, 2005). Perante isto, quanto mais agravado se tornar o cenário, mais fatores stressantes os pais experimentam, pelo que a sua capacidade colaborante e responsiva com os filhos será menor e, maior será a possibilidade de ocorrerem comportamentos de afirmação de poder e práticas severas (Cruz, 2005; Beckerman, et al., 2017; Gaspar, 2020; Prime, Wade & Browne, 2020). Porém, a exposição a fatores de *stress* para além de levar ao desgaste cognitivo, emocional, e físico, pode, em muitos casos, remeter para problemas patológicos (Deater-Deckard, 1998).

É na conexão diária com as tarefas domésticas, a gestão de tempo entre as crianças, os deveres de casa e o emprego, aliado a outros fatores geradores de *stress* (e.g. economia, desemprego, rede social de apoio), que se desenvolve o desequilíbrio entre as exigências e os recursos que cada indivíduo possui para lidar com as mesmas que surge a Síndrome de *Bornout* Parental, traduzido para a língua portuguesa, como Síndrome do Esgotamento Parental (Gaspar, 2020; Hayes & Watson, 2012; Roskam, Raes & Mikolajczak, 2017). Esta síndrome diz respeito a uma perturbação de saúde mental, caracterizada por um estado de exaustão e saturação, relacionados com o papel parental, perda de prazer em estar com os filhos e distanciamento emocional dos mesmos, quando comparado com situações anteriores idênticas (Gaspar, 2020). O foco nesta problemática diz, maioritariamente respeito à situação atual de confinamento e distanciamento social, pela amplificação das exigências das quais os pais são alvo, diariamente

(Gaspar, 2020).

Embora o enfoque do presente estudo esteja direcionado para a problemática da COVID-19, não é necessário que o mundo esteja a atravessar uma pandemia para que o Esgotamento Parental ocorra (Raphael, et al., 2010; Marchetti et al., 2020), uma vez que em momentos menos típicos de vida diária, as dificuldades também persistem. Esta afirmação é contrariada por Fontanesi, et al. (2020) que, por meio do seu estudo sobre os efeitos do confinamento por COVID-19 nos pais, mostra que a pandemia e a quarentena aumentam o *stress* sobre os mesmos, nomeadamente aqueles que têm a seu encargo crianças com necessidades especiais.

Por fim, importa sempre salientar que a parentalidade é uma atividade de influências mútuas, dado que, de acordo com Maccoby (2000), denotam-se evidências claras de que os pais têm um poderoso impacto na forma como os seus filhos se desenvolvem, do mesmo modo que os filhos influenciam os pais, nas suas atitudes. O ponto de vista interacionista sugere que em qualquer relacionamento contínuo, a forma de interação de cada membro constitui-se numa característica própria, à qual o outro se deve adaptar (Maccoby, 2000).

3. Parentalidade no Confinamento por COVID-19

Esta é a primeira vez que uma quarentena para controlar uma pandemia é implementada em Portugal, à semelhança de outros países do mundo. Pela mesma razão, há uma falta de estudos conclusivos que forneçam dados sobre como essa medida pode afetar pais, crianças e adolescentes, no que ao processo de parentalidade diz respeito. De forma a elucidar o mais possível a temática é necessário recuar na literatura, com o objetivo de encontrar situações similares, que afetem a família e deixem a parentalidade em crise (e.g. desastres naturais, doenças, problemas conjugais), já que os dados empíricos sobre o confinamento podem ser escassos, no momento presente.

Invariavelmente, quando se falam nas funções parentais, fala-se também das demandas que isso acarreta. Tal como em qualquer relação e convivência interpessoais, de longa, curta ou média duração, é normal que existam períodos mais conturbados em que se instalam emoções mais negativas, como a tristeza, a fúria e a irritabilidade. Imagine-se numa relação familiar, ou mais propriamente, parental, onde predomina a assimetria de funções, responsabilidades e poderes. É natural que no decorrer desta convivência vão surgindo situações mais complexas e conflituosas, que podem ou não prolongar-se no tempo e que, parte das vezes, não dependem do indivíduo para a sua resolução eficaz. Concretamente, a situação que melhor representa a

ideia apresentada, tem que ver, naturalmente, com o perigo de contágio por COVID-19, que obriga ao confinamento social. De acordo com Borges (2010), cada família tem o seu próprio padrão de rotina, que obedece a uma organização deliberada pelo que, um pouco por todo o mundo, pais e filhos são impossibilitados de fazer o seu dia a dia comum, substituído pela necessidade forçosa de se adaptarem a uma rotina, exclusivamente, no seu espaço habitacional. Ora, se as demandas parentais já são mais que muitas, em situações normais de vida diária, com a implementação de restrições de circulação têm, forçosamente, de se lançar sobre todas as funções que, até então, não eram da sua competência, como a educação escolar. A forma como os pais vivenciam esta situação não é singular e cada família adapta-se à sua maneira, muito em função dos recursos físicos e emocionais que dispõe. No entanto, os relatos apresentados na literatura revisada dão conta, maioritariamente, de uma experiência conturbada, marcada por elevados níveis de *stress* parental. Especificamente o estudo de Colizzi et al. (2020) que pretende perceber o impacto psicossocial e comportamental que a COVID-19 tem em famílias portadores de casos de Transtorno do Espectro do Autismo, revela um aumento de vulnerabilidade familiar, nomeadamente ao nível dos comportamentos disruptivos, tornando-se piores, mais intensos e frequentes. A ideia de *stress* parental é reforçada pelo estudo realizado por Morelli et al. (2020), que ao investigarem a correlação entre o sofrimento psicológico dos pais e regulação emocional das crianças durante o período de confinamento, concluem que, pela situação mencionada, existe maior sofrimento parental, derivado do grande *stress* psicológico e conseqüentemente maior negatividade nos seus filhos. Assim, a pesquisa sugere que, se os pais se tornarem mais autoconfiantes e positivos, conseguem ativar recursos que impedem a desregulação emocional dos seus filhos. Por outras palavras, a vulnerabilidade dos pais traduz-se em práticas parentais mais negativas, da mesma forma, que a movimentação de recursos positivos, tornam os pais mais confiantes, conduzindo à regulação emocional das crianças. Assim, considera-se importante elucidar, por meio de outros estudos, qual a influência que o confinamento tem na parentalidade e, por sua vez, a influência da parentalidade nos filhos, por forma a perceber os resultados já existentes em termos de uma temática tão similar quanto a que será estudada posteriormente.

Sabe-se que o *stress* parental, invariavelmente, é um marco conceptual quando se fala no processo de parentalidade, porque é uma consequência, bastante comum, das funções exercidas por pais e mães, expresso através de elevada irritabilidade, intolerância, ansiedade e sintomas regressivos em relação aos filhos (Pisano, Galimi & Cerniglia, 2020). No entanto, em situações de crise, torna-se mais saliente, podendo prejudicar o bom funcionamento familiar e

das crianças (Spinelli, et al., 2020), contaminar a saúde física, segurança e bem estar-económico (Brooks, et al., 2020; Chung, Lanier & Ju, 2020; Doyle, 2020), do mesmo modo que também permite às famílias estabelecerem rotinas que, anteriormente, não eram possíveis, devido a demandas conflitantes (Brock, & Laifer, 2020) e solidificar laços familiares (Cluver, et al., 2020).

Por oposição, nem todas as mudanças de rotinas familiares, ou neste caso, nem todas as restrições nas dinâmicas familiares como forma única de prescrição disponível para enfrentar as adversidades, influenciam a perspetiva do processo de parentalidade pela negativa. É certo que quanto mais estruturada for a rotina, maior a previsibilidade no comportamento dos elementos constituintes (Borges, 2010) e é também certo e expectável que o confinamento acarreta novos e grandes desafios para as famílias, pela necessidade de convivência próxima por longos períodos de tempo; a ausência de rotina fora de casa; o trabalho remoto realizado pelos pais; o rearranjo do ambiente físico para acomodar as demandas de trabalho, estudo e brincadeiras; a sobrecarga de trabalho doméstico, entre muitos outros (Linhares, & Enumo, 2020). No entanto, de acordo com o estudo desenvolvido por Orgilés, et al. (2020), cujo objetivo tem que ver com o impacto psicológico da COVID-19 em crianças e adolescentes, os resultados indicam que a convivência familiar durante o período de restrição fora fácil, isto porque, quanto mais os cuidadores percecionam a quarentena como necessária e eficaz, mais os filhos se tornam preocupados. As considerações apresentadas vão de encontro aos resultados descobertos por meio da investigação de Cao, et al. (2013), que procura entender junto das famílias, a forma como funcionam dezoito meses após um desastre, ocorrido na China. Os resultados mostram que tende a existir maior coesão e adaptabilidade familiares, o que pode contribuir para mudanças nos papéis e regras familiares e, conseqüentemente, redução de conflitos quando ocorrem eventos, potencialmente, traumáticos.

Além das vantagens e desvantagens que decorrem da implementação de novas rotinas, as mudanças ao nível da parentalidade também existem. Alguns pais expressam benefícios negativos, sobretudo no que diz respeito às refeições dos filhos, à autonomia, tempo e atividades estruturadas dos e com os mesmos (Colizzi, et al., 2020), mas também benefícios positivos, que correspondem ao aumento de tempo despendido com os filhos (Brown, et al., 2020), nomeadamente na supervisão dos deveres de casa e na participação em brincadeiras (Biroli, et al., 2020). Esta última questão tanto pode ser um aspeto positivo como negativo para diferentes pais, uma vez que ter prazos estabelecidos, com necessidade de cumprimento integral, pode ser uma dificuldade e entrave ao processo parental. Devido a esta situação, o que acontece é que

os pais ficam com a tarefa de educar e ensinar aos seus filhos, substituindo os professores, que não têm um papel ativo apenas na entrega de materiais educacionais, mas também na criação de oportunidades para as crianças interagirem, receberem explicações e suporte (Spinelli, et al., 2020; Morelli, et al., 2020). De modo a sustentar esta questão, o estudo realizado por Doyle (2020), elaborado mediante a revisão sistemática de 45 estudos já realizados, mostra que existe uma tendência para que estas dificuldades provenham de famílias de estatuto socioeconómico mais baixo, não só pela limitação de recursos tecnológicos e espaços físicos ou incompatibilidade horária, como também pela baixa escolarização dos pais, que os incapacita de serem mais cooperantes.

Numa perspetiva diferente, os pais, sobretudo, os homens, tornam-se mais preocupados, participativos e colaborantes nas tarefas de envolvimento parental, tal como nas tarefas domésticas (Biroli, et al., 2020), tornando-se, conseqüentemente, mais superprotetores, retirando à criança o seu senso de autonomia, que por sua vez, pode levar ao desenvolvimento de sintomas de *stress* pós-traumático. Assim, os filhos ao sentirem os pais mais angustiados, vão senti-lo de igual forma, por projeção dos pais (Cobham & McDermott, 2014; Russell, et al., 2020; Spinelli, et al., 2020). Isto porque, quando as crianças não encontram respostas para as preocupações dos adultos, podem demonstrar mais sofrimento, evidenciado por problemas emocionais e comportamentais, como desatenção e agitação (Spinelli, et al., 2020). Esta hipótese é corroborada pelo mesmo estudo mencionado anteriormente, desenvolvido por Orgilés, et al (2020), que comprova que, além das alterações no estado emocional dos participantes, os principais resultados relatados são as dificuldades de concentração, tédio, agitação, solidão e ansiedade. No entanto, o estudo, também, demonstra que as crianças e jovens espanholas foram mais afetadas que a população italiana, uma vez que as características físicas do espaço habitacional em Itália são mais favoráveis ao isolamento, isto é, existem mais espaços exteriores próprios, individuais, beneficiando o bem-estar mental. Além disso, as restrições em Espanha prolongaram-se mais no tempo que em Itália. Assim, tanto características físicas do ambiente, quanto a definição de regras parecem influenciar as respostas comportamentais e emocionais ao confinamento (Orgilés, et al., 2020).

Pode concluir-se então, ao longo dos exemplos fornecidos anteriormente, que o comportamento das crianças afeta a adaptação dos pais, tanto quanto a adaptação dos pais afeta o comportamento das crianças (Lee & Khang, 2018; Neece, McIntyre & Fenning, 2020).

Paralelamente, devido ao distanciamento social, as crianças não estão a frequentar a escola, constituída como um segundo microssistema essencial ao desenvolvimento e à

aprendizagem (Linhares & Enumo, 2020), mas que, ao mesmo tempo, se traduz também num auxílio às tarefas parentais diárias. Assim, os resultados dos vários estudos apresentados sugerem que as práticas educativas continuam a ter um peso significativo no ajustamento psicológico dos filhos (Maccoby, 2000), mas devido à pandemia tomam proporções de valorização maior, quer para os filhos, quer para os pais, que têm ao seu encargo os seus próprios problemas, também eles decorrentes da situação pandémica, como a instabilidade financeira e laboral (Prime, Wade & Browne, 2020) e, adicionalmente este, torna-se uma agravante. De acordo com Belsky (1984), a ocorrência de estabilidade profissional e comunitária, sustentam e promovem a estabilidade parental e dos seus descendentes.

Estes fatores podem desencadear nos pais atitudes mais impulsivas e intransigentes como a violência física e mental. Assim como fatores de risco que ameacem o desenvolvimento saudável e adaptativo das crianças, como a falta de estimulação adequada ao nível do seu desenvolvimento; violência, maus-tratos, negligência e conflitos, práticas parentais com disciplina abusiva e coercitiva, desnutrição, baixa escolaridade, desemprego e instabilidade financeira, alta densidade habitacional no lar, problemas de saúde mental dos pais, entre outros (Linhares & Enumo, 2020). Com o tempo, essas mudanças no ambiente de cuidado, combinadas com as mudanças nas demandas dos pais devido ao confinamento, podem levar ao aumento da negatividade e ao enfraquecimento das relações entre pais e filhos (Prime, Wade & Browne, 2020). Tome-se como exemplo o estudo de Lee e Khang (2018) que observa o processo de luto por um filho vítima de desastre ferroviário. O mesmo revela, por meio da metodologia qualitativa, suportada por entrevistas a famílias enlutadas e respetiva Análise Fenomenológica Interpretativa, que a parentalidade após o incidente se caracteriza por alguma negligência, deixando de atender às necessidades básicas do filho sobrevivente e, nessa ordem, tornaram-se mais permissivos. Por oposição, o estudo de Monteiro (2019), ao explorar as perceções parentais sobre a vivência do cancro pediátrico e mostra que os pais tendem a adotar atitudes mais protetoras e responsáveis, privando os filhos, em parte, da sua autonomia. Ou seja, a teoria evidencia diferentes reações e comportamentos perante diferentes situações de crise, pelo que não é conclusivo, *à priori*, quais as atitudes parentais que vão surgir, ainda que se consigam compreender parte delas. Pela proximidade metodológica que é utilizada no presente estudo, importa salientar que, estes resultados foram obtidos por meio de uma metodologia mista, especificamente de questionários e entrevistas semiestruturas que, contando com a estratégia de análise qualitativa, foram categorizadas as verbalizações dos participantes, mediante dimensões construídas antecipadamente.

Em caso de confinamento em casa, os pais costumam ser o recurso mais próximo e necessário para os filhos buscarem auxílio, assim como modelos importantes no comportamento saudável das crianças. Favorecidos por esta ideia, o confinamento podia oferecer uma boa oportunidade para os pais aprimorarem a sua relação com os filhos, interagindo e envolvendo-se nas atividades familiares e melhorar suas habilidades de autossuficiência. Com as abordagens parentais corretas, os laços familiares podem ser fortalecidos e as necessidades psicológicas da criança atendidas, isto porque boas habilidades parentais tornam-se particularmente cruciais quando os filhos estão confinados em casa. Além de monitorar o desempenho e o comportamento da criança, os pais também precisam de respeitar a sua identidade e necessidades, e ajudar os filhos a desenvolver habilidades de autodisciplina (Perrin et al., 2016).

Por último, os Estilos Educativos Parentais são também matéria de estudo, quando se trata de compreender a experiência da parental, estando abrangidas nos estudos, quer quantitativos, quer qualitativos. Neste sentido, um estudo elaborado, com o intuito de perceber a perspectiva de pais e filhos sobre os Estilos Educativos Parentais, conclui que as representações dos mesmos sobre as suas próprias relações, são na sua maioria, divergentes: os pais percecionam-se como democráticos, ao passo que as crianças consideram a sua parentalidade, tendencialmente, permissiva (Ribeiro & Felizardo, 2015). Esta declaração é explicada por Brás (2009), que aponta que os diferentes estilos parentais variam de acordo com o tipo de família. Todavia, o Estilo Educativo Parental Democrático é o mais empregado pelos pais, em famílias numerosas e não-numerosas, mas em geral, tanto pais quanto filhos percecionam elevado suporte social de igual modo. Deste modo, para melhor suportar as evidências em torno das famílias numerosas, o tópico seguinte dá conta da informação pertinente e da literatura já existente.

4. Experiência da Parentalidade durante Confinamento em Famílias Numerosas

As famílias numerosas inseridas no contexto de estudo têm que ver, essencialmente, com a sua limitação na participação em investigações, nomeadamente no que diz respeito aos estudos que envolvem a variável do confinamento. Assim, considera-se pertinente elucidar a perspectiva das famílias numerosas durante a experiência do confinamento, mais especificamente, de que forma a parentalidade é percebida por pais e filhos. Ao relevar diferentes perspectivas, tanto de pais quanto filhos, pode ter-se um leque mais variado de verbalizações e opiniões sobre uma mesma variável, permitindo a construção de uma nova visão sobre a experiência da parentalidade em famílias numerosas. Em suma, se os estudos acima

mencionados indicam que prevalece o stress parental, o desgaste emocional e situações conflitantes, considera-se pertinente perceber se, em famílias numerosas, as demandas são similares.

De acordo com a literatura, existem características marcadamente diferentes entre as famílias numerosas e não numerosas: como as desigualdades na resolução de problemas, nas adversidades enfrentadas e nos padrões de adaptabilidade. Do mesmo modo que, as rotinas familiares são mais complexas, pelo número de elementos do agregado familiar e pelas dificuldades de coordenação e adaptação a novas situações que vão surgindo. Este último ponto é importante realçar, uma vez que as famílias numerosas verificam mudanças com alguma frequência (Moura, 2019). Além destes aspetos, as famílias numerosas têm maior capacidade resiliente perante situações de adversidade, ou seja, conseguem adaptar-se mais rápido e facilmente aos constrangimentos que vão surgindo, permitindo-se perspetivar o conflito como um elemento enriquecedor para todos (Brás, 2009). De entre as características apontadas pela literatura que, tanto são positivas, quanto negativas, importa determinar qual é, efetivamente a posição das famílias numerosas perante uma situação atípica, potencialmente desencadeadora de crises familiares. Uma vez que estas famílias são constituídas por muitos elementos, importa determinar se a resiliência que, de acordo com a literatura, constroem é transversal a situações invulgares e inesperadas, ou se por outro lado, existe um padrão de adaptabilidade mais difícil.

No que concerne à dimensão de Estilos Educativos Parentais, Bartow (1961), considera que os pais, como chefes de família, têm tendência para adotar um estilo autoritário com os seus filhos, determinado por regras mais rígidas, disciplina mais restritiva e punitiva, valorização da conformidade em detrimento da autoexpressão, cooperação individualista e diminuta expressão de afetos (Lewis & Feiring, 1982). Um relato bastante elucidativo do processo de parentalidade numa família numerosa, em tempos de confinamento por COVID-19 é referido no *website* da Associação Portuguesa de Famílias Numerosas (2021). Torna-se interessante e, ao mesmo tempo, enriquecedor a oportunidade de confirmar algumas hipóteses levantadas por autores aquando o desenvolvimento das suas teorias acerca desta temática, assim como, perceber alguns aspetos que poderão surgir aquando a investigação do presente estudo decorrer. Nomeadamente, as dificuldades de gestão de tarefas e horários diários aquando o período de confinamento, assim como o aumento de funções ao encargo dos pais. Por outro lado, o período de isolamento para esta família numerosa também revelou traços positivos, desenvolvendo maior senso de criatividade, resiliência e aquisição de novos hábitos. No entanto, continua a ser muito pertinente compreender a forma como grandes agregados

familiares se organizam em função de novas demandas, uma vez que os aspetos a salientar continuam a ser importantes na sua vertente negativa e, ao mesmo tempo, elucidativa da literatura referida. Desde já é possível perceber que existem algumas características de famílias numerosas que se coadunam com aquelas que são experienciadas por famílias não numerosas, sendo a única diferença a intensidade com que são vividas.

Por último, importa determinar o papel fraternal nesta equação, já que o número de filhos e/ou irmãos são em grande parte, a característica mais evidente destas famílias e é também por isso, que é conferida uma importância acrescida à relação fraternal, nomeadamente em situações de crise, que se constituem no ponto de interesse da investigação. Assim, a investigação incide muito sobre a relação fraternal, contributiva de uma experiência parental diversificada. Para já, é possível denotar, por meio do modelo desenvolvido por Feinberg, Solmeyer e McHale (2012) acerca da forma como os irmãos se influenciam mutuamente, e do relato apresentado por um testemunho à Associação Portuguesa de Famílias Numerosas (APFN, 2020) que a relação entre irmãos se torna mais evidente, mais coesa e estável durante este período. Apesar das informações fornecidas, a literatura em torno das famílias numerosas, assim como das suas rotinas e relações em períodos, marcadamente, conturbados de vida diária permanece por saber, necessitando, por isso, de um acolhimento e compreensão maiores sobre o fenómeno.

Presente Estudo

Embora seja valioso explicar as experiências de parentalidade, nomeadamente numa situação de crise, à luz de uma estrutura teórica, torna-se ainda mais preeminente compreender a parentalidade num contexto mais amplo, permitindo que os relatos da população participante induzam teoria, posteriormente. Neste sentido, ao evidenciar aspetos, tanto gerais, quanto específicos da teoria em torno da parentalidade, relacionando com as características da situação vigente de COVID-19, bem como de famílias numerosas, torna-se bastante explanativo daquilo que serão os tópicos do estudo seguinte. E, acima de tudo, quais as características que se podem esperar dos resultados que emergirão, fornecendo a oportunidade de discussão posteriormente, corroborando os dados ou refutando-os.

Apesar de serem vários os autores que se têm debruçado sobre as questões familiares ao longo do tempo, o presente estudo tem por objetivo dar resposta a questões que até então ainda não foram abrangidas pelas investigações existentes. Concretamente, como é que a adaptação ao confinamento influenciou o processo de parentalidade. E, mais especificamente, como é que cada família se adaptou à situação de confinamento e como a perspetiva individual de cada membro influenciou o processo de parentalidade; De que forma os pais e filhos experienciaram a mudança no processo de parentalidade; Como é que a etapa de desenvolvimento em que cada elemento da fratria se encontra, influenciou a perspetiva de parentalidade.

Muitas outras questões se podiam levantar, pois esta é uma temática pertinente e atual para a investigação, já que são, sobretudo, as situações de crise que desencadeiam conflitos familiares e quando se denotam maiores desigualdades na parentalidade. Tal como mencionado anteriormente, a parentalidade constitui-se, de entre vários conceitos, como uma interação recíproca entre pais e filhos, pelo que é de extrema importância a criação e implementação de programas de sensibilização, prevenção e intervenção. Para isso, os estudos e, especificamente, este estudo, pretende mostrar a forma como foi vivenciado o dia-a-dia de cada família durante o confinamento e as perspetivas de parentalidade que surgem dessa experiência. Através dos resultados emergentes, torna-se viável salientar os principais aspetos da parentalidade, da relação entre pais e filhos e de que forma as características mais negativas desta interação, podem ser contornadas ou modificadas, pela sensibilização, por parte dos pais, daquilo que serão os aspetos moldáveis da sua forma de parentar. Os mesmos passam pela aprendizagem de habilidades que aumentem a autoeficácia emocional regulatória; promoção de estratégias adaptativas; adoção de recursos para lidar com tarefas da vida diária e de ferramentas para uma melhor comunicação com os filhos – essencial para um maior bem-estar e autoconfiança

(Cluver et al., 2020; Gaspar, 2020; Morelli, et al., 2020). À semelhança daquilo para a qual a literatura apela, a iniciativa Parenting for Lifelong Health, desenvolvida em parceria com a World Health Organization (2020), criou diversos programas construtivos de interação entre pais e filhos, para uma melhor qualidade parental. No entanto, a pertinência da investigação não se resume apenas à área da psicologia e da terapia familiar (Cao, et al., 2013), mas é, também, transversal a outros campos da ciência, como a medicina e a pediatria (Morelli et al., 2020).

Dito de outro modo, perante a situação atual, independentemente de a vivência familiar durante o período de confinamento ser mais ou menos saudável, o presente estudo não deixa de ser pertinente para salvaguardar uma resposta mais eficaz e preventiva, aquando os pais e outros cuidadores forem confrontados, novamente, com situações semelhantes, que alterem a sua rotina, atitude e estrutura familiares. No entanto, face ao contínuo da situação pandémica, a pertinência do estudo não se considera apenas para situações posteriores, mas torna-se efetiva, no momento presente, para que os pais possam, ainda, fazer a diferença com os seus filhos e dotá-los, a eles e a si mesmos, de estratégias de enfrentamento (Neece, McIntyre, & Fenning, 2020).

Embora a investigação seja contributiva de conhecimento na área da parentalidade, durante o confinamento e, permita obter perspetivas de pais e filhos, não deixa de ser importante que mais pesquisas continuem a ser feitas em torno desta temática, de modo que seja prestado um apoio maior e mais acessível às famílias, que estejam a confrontar-se com dificuldades, ou que, por outro lado, permitam às mesmas prevenir potenciais conflitos e erros constituintes de uma perspetiva de parentalidade conturbada, na ótica dos filhos, quanto dos pais.

Método

A abordagem qualitativa oferece a possibilidade de observação dos elementos e das suas inter-relações. De entre as possibilidades metodológicas existentes dentro da abordagem qualitativa, este estudo apoia-se na estratégia metodológica da *Grounded Theory* (GT). Desta forma, permite-se estudar um fenómeno incomum onde se considera unicamente a compreensão subjetiva e detalhada de diferentes comportamentos e experiências complexas (Yin, 2010).

Participantes

Todos os participantes legíveis, isto é, que reúnam as características de pertencerem a uma família numerosa, onde existe pelo menos uma criança e um adolescente, são convidados a colaborar do estudo, tendo aceitado de imediato, pela proximidade geográfica e pessoal. São consideradas famílias numerosas todas aquelas que sejam constituídas por cinco ou mais elementos, formadas por um casal com três ou mais filhos, da mesma relação ou de relacionamentos distintos, mas que residam no agregado familiar com as figuras parentais.

Os resultados do estudo são baseados na contribuição de duas famílias numerosas, perfazendo um total de treze elementos, com idades compreendidas entre os 3-42 anos. Especificamente, seis dos elementos da investigação pertencem à família G e os restantes sete¹ são relativos à família S. Ambas as famílias pertencem a um estatuto social médio, residem numa pequena aldeia do distrito de Santarém, com casa própria – moradia. Todos os participantes filhos frequentam o ensino escolar e os pais têm profissões distintas, com qualificações académicas superiores. No entanto, as características mais pertinentes e caracterizadoras da população interveniente descrita são apresentadas na Tabela 1.

Ademais acrescentar que, dada a necessidade de anonimato e confidencialidade dos dados dos participantes, atribui-se a designação às famílias mediante a inicial do apelido das mesmas.

¹ Embora a família S seja composta por oito elementos, só é possível contar com a participação de sete pela idade cronológica do membro mais novo, de dois anos.

Tabela 1
Características Gerais dos Participantes

	Participante	Género	Idade	Parentesco	Entrevista
Família S	S1P	Masculino	41	Pai	Dezembro 2020
	S2M	Feminino	42	Mãe	Dezembro 2020
	S3F1	Masculino	14	Filho	Dezembro 2020
	S3F2	Masculino	12	Filho	Dezembro 2020
	S3F3	Masculino	9	Filho	Dezembro 2020
	S3F4F	Feminino	7	Filho	Dezembro 2020
	S3F4M	Masculino	7	Filho	Dezembro 2020
Família G	G1P	Masculino	40	Pai	Abril 2021
	G2M	Feminino	37	Mãe	Fevereiro 2021
	G3F1	Feminino	17	Filho	Dezembro 2020
	G3F2	Feminino	12	Filho	Fevereiro 2021
	G3F3	Feminino	6	Filho	Dezembro 2020
	G3F4	Feminino	3	Filho	Dezembro 2020

Procedimento

Uma vez que se trata de abordar pais, adolescentes e crianças, é necessário, primeiramente, pedir a colaboração de cada um, por meio de consentimentos informados (ver Anexo II) e, por forma a garantir que a opinião dos menores também é tida em conta, assentimentos informados (ver Anexo III). Assim, a abordagem prévia às famílias é realizada na residência de cada uma, mediante três momentos distintos, com uma componente mais teórica e outra mais prática, por forma a “quebrar o gelo”, estabelecer uma relação empática, coesa, de confiança e interação mútuas para que, chegado o momento das entrevistas, todos possam participar integralmente, sem qualquer inibição verbal (ver Anexo IV). Após esse processo de ambientação, seguem-se as entrevistas em dias distintos, para cada participante, como é ilustrado na Tabela 1. De acrescentar que, embora os dias estipulados para as entrevistas necessitam de ser cumpridos, rigorosamente, existem constrangimentos externos (e.g. novo confinamento, que obrigou a novas restrições e limitações de contacto, indisponibilidade horária, por incompatibilidade de agenda dos participantes e investigadores e, épocas festivas, nomeadamente o Natal e o Ano Novo) que impedem a sua realização no dia ou mês agendados.

Entrevista

Para construir as entrevistas recorre-se à tipologia de entrevistas semiestruturadas, com o objeto de permitir que as respostas dadas sejam o mais amplas possíveis, dentro das questões que são colocadas em diferentes momentos. O guião de entrevista conta com a organização de sete questões e algumas subquestões, cujo objetivo é reforçar as questões principais, caso os participantes se afastem das mesmas (ver Anexo I). São realizadas entrevistas individuais a cada elemento da família, com uma duração média total de, aproximadamente, 20 minutos. Algumas entrevistas, nomeadamente com as crianças mais novas, necessitam de questões adicionais, as quais não estão despostas no guião, para explorar exatamente o que se pretende obter, uma vez que há uma tendência para fantasiarem perante as questões, desviando-se daquilo que é perguntando (e.g. E relativamente à questão que te coloquei, consegues dizer-me quais os principais pontos a favor?; Nas brincadeiras que fazias com os manos e os pais, eles foram mais bonzinhos para ti?; Deram-te muitos miminhos?). Após a coleta dos dados, procede-se à transcrição integral das verbalizações, salvaguardando sempre o anonimato e confidencialidade das informações pessoais. Durante o processo de transcrições, caso um participante fale acerca de um elemento da família, o mesmo é mencionado de acordo com a inicial do seu nome próprio. No entanto, no decorrer da análise e tratamento de dados, para melhor organizar as informações dos participantes e atribuir uma designação única e própria, cada um dos membros da família é mencionado de acordo com a configuração que consta da Tabela 1.

Análise de Dados

O tratamento dos dados faz, mais uma vez, valer-se do método de análise GT, comparativo constante, para codificar, categorizar e, por fim, teorizar, a partir de dados reais.

Esta codificação é elaborada mediante três etapas distintas, que serão detalhadamente explicadas de seguida, começando com: codificação aberta, de seguida axial e, terminando com codificação seletiva, até o processo atingir a, chamada, saturação teórica, que não é mais do que a incapacidade de obter diferentes interpretações ou novas perspetivas dos dados (Fonseca, Cruz & Neto, 2012; Hanurawan, 2012; Strauss & Corbin, 2008). Assim, obtém-se a possibilidade de os dados serem sistematicamente coletados e analisados, proporcionando a identificação e descrição dos fenómenos pouco estudados ou que, por outro lado, precisam de um novo entendimento, permitindo a saliência de uma nova teoria.

A primeira fase constituinte do processo de análise de dados refere-se à codificação

inicial, que é realizada mediante duas fases distintas de codificação: codificação inicial e codificação focalizada (Charmaz, 2009). Embora a codificação inicial seja apelidada de codificação aberta pelos autores primordiais Strauss e Corbin, considera-se mais relevante utilizar a adaptação de Charmaz, por ir de encontro às necessidades de codificação dos dados. Ambas têm como objeto criar designações, frase a frase, através de uma palavra ou um conjunto de palavras, que melhor ilustre a ideia apresentada, como um todo. No entanto, sempre que isso não é possível, codifica-se uma mesma frase com mais do que uma “designação” para abranger todas as ideias salientadas que, nessas situações, são díspares.

A segunda etapa de codificação é respeitante à codificação focalizada que tem, não só o objetivo de analisar os dados, tendo por base as questões de investigação desenvolvidas inicialmente para o estudo, como também o objetivo de compreender se não é ignorado ou desvalorizado algum dado importante ao processo. Posto isto, esta fase do processo assenta numa lógica de eliminação de códigos que não tenham sustentação suficiente para que se mantenham; permite a emergência de novos entendimentos que, conseqüentemente, dão lugar a novos códigos – mais elucidativos do que se pretende encontrar –; e possibilita a substituição de códigos com ideias semelhantes, por novas designações, aproximando-se do ideal de categoria.

O processo de codificação axial, realizado posteriormente, tem como objetivo reorganizar os dados, tendo por base o estabelecimento de ligações entre as categorias, indo além das suas propriedades e dimensões (Fernandes & Maia, 2001). A codificação axial obriga o investigador a questionar as categorias atribuídas aos dados, com questões como “O que, quando, onde, como?”, ou seja, encontrar as condições causais, condições intervenientes, estratégias de ação e conseqüências, subjacentes aos dados (Fernandes & Maia, 2001; Cepellos & Tonelli, 2020).

A última fase respeitante ao processo de codificação seletiva tem como objetivo procurar identificar uma categoria, o mais geral e ampla possível, que permita abranger e estabelecer uma relação entre todas as categorias, formulando a teoria final. Ou seja, a representação final dos dados para determinar como a abstração se ajusta aos dados brutos (Cepellos & Tonelli, 2020).

Processo de Codificação

Codificação Inicial

A análise dos dados é, primeiramente, realizada mediante duas fases. Uma vez que a codificação inicial permite uma conceptualização mais livre dos temas, foi a primeira a ser utilizada, através da qual emergiram um total de 59 códigos. Muitos dos códigos atribuídos têm que ver com palavras utilizadas pelos próprios participantes, tendo em vista garantir maior neutralidade possível, aquando da interpretação dos dados (ver Anexo VI).

Codificação Focalizada

Como fora mencionado anteriormente, um dos objetos da codificação tem que ver, necessariamente, com a possibilidade de construção de categorias, advindas do reagrupamento de dados, em função das suas similaridades e diferenças, contruindo categorias, ou mais especificamente, redes de significados que alberguem e permitam um entendimento mais sintetizado e focado no fenómeno (Cepellos & Tonelli, 2020). Neste sentido, os códigos: envolvimento em tarefas e atividades, maior atenção às necessidades, rapidez de suporte parental, originam a categoria de envolvimento parental. Assim, após a análise detalhada, mas sintetizada dos dados, os 59 códigos são transformados em 17 categorias: Pressão e Exigência Escolar, Impacto do Trabalho dos Pais; Gestão do Caos; Restrição/Limitação; Diversidade de Entretenimento; Apoio Extra; Sobrefunções Parentais; Imposição de Regras e Limites; Disponibilidade Afetiva; Envolvimento Parental; Tolerância Parental; Desgaste Emocional; Tensão e Conflito Familiar; União e Fortalecimento de Laços; Aquisição de Novos Hábitos; Liberdade; e Constância Relacional e Afetiva. Tais categorias derivam, essencialmente, das próprias verbalizações e, mais que isso, da junção de diversos termos semelhantes.

Codificação Axial

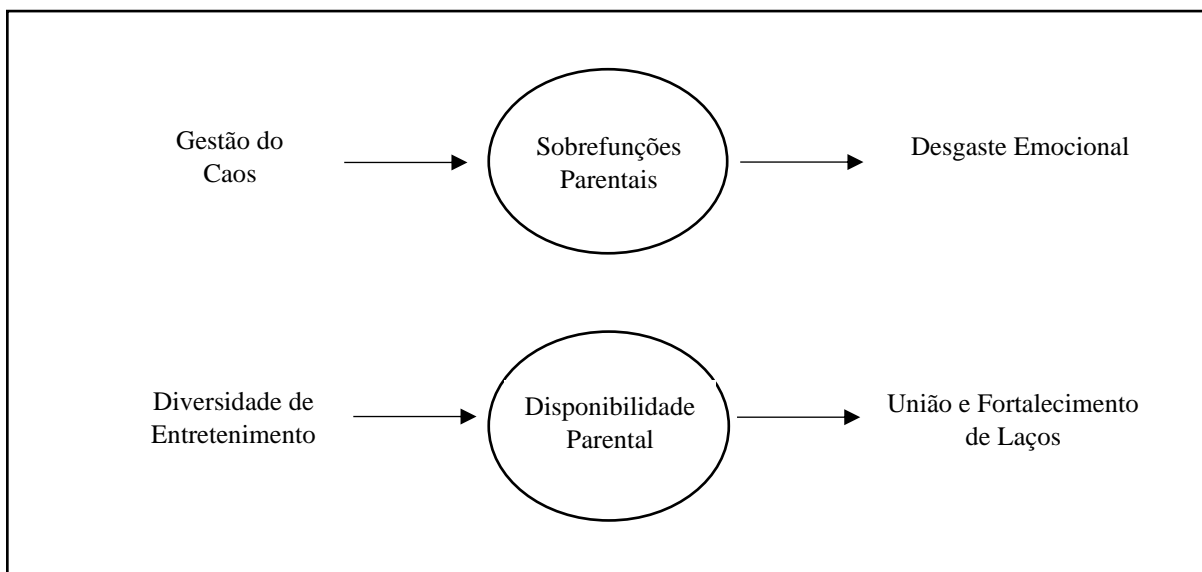
No decorrer desta etapa de análise, é eliminada a categoria Constância Relacional e Afetiva, e Apoio Extra, por não permitirem um entendimento distinto do fenómeno, que faça variar ou modificar os resultados, em grande escala. No fundo, constituem-se como pequenos detalhes que não alteram, em nada, o entendimento maior, uma vez que não se relacionam com as demais categorias, que proporcionam a teoria final. A categoria Disponibilidade Afetiva e Envolvimento Parental é fundida numa só – Disponibilidade Parental –, uma vez que as relações categoriais onde estão inseridas são muito idênticas, não sendo denotadas características que as

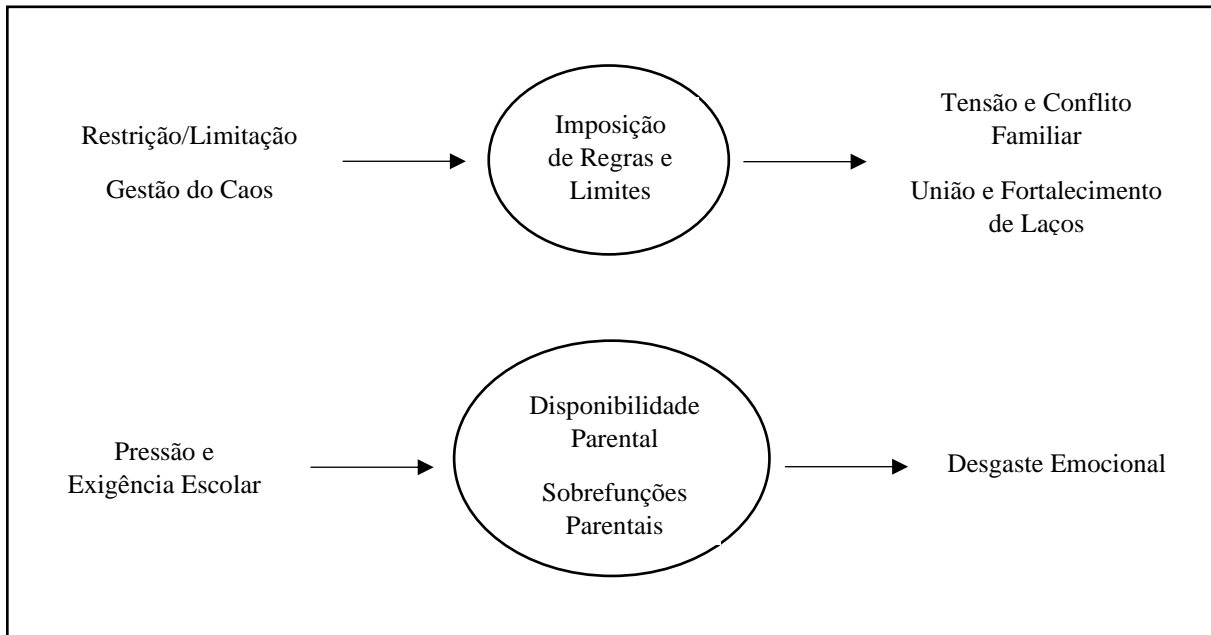
distingam (e.g. “Tínhamos mais tempo para ler uma história, estarmos mais próximos, não termos pressa para qualquer coisa (...) Vamos fazendo coisas e estamos ali uns ao pé dos outros. E isso foi bastante positivo, estarmos mais tempo juntos foi muito bom”). Este excerto engloba tanto características afetivas, como de envolvimento parental e atendimento às necessidades).

Nesta fase apenas 14 categorias são consideradas e organizadas, de acordo com as funções da parentalidade, e/ou de acordo com os facilitadores ou inibidores a esse processo, como se de uma causa-efeito se tratasse. Esta relação visa uma proximidade, crescente, à criação de uma teoria final, que englobe os conceitos como um todo. Assim, as categorias principais, em torno das quais são criadas as ligações categoriais, através da associação de frases e entendimento, à luz da teoria, dizem respeito a: 1. Sobrefunções Parentais; 2. Disponibilidade Parental; 3. Imposição de Regras e Limites; 4. Tolerância Parental. Enquanto que as categorias envolventes, as quais são explicativas dos conceitos mais amplos têm que ver com: 5. Impacto do Trabalho dos Pais; 6. Diversidade de Entretenimento; 7. Restrição/Limitação; 8. Pressão e Exigência Escolar; 9. Tensão e Conflito Familiar; 10. Liberdade; 11. União e Fortalecimento de Laços; 12. Desgaste Emocional; 13. Aquisição de Novos Hábitos; e 14. Gestão do Caos.

A interpretação e relação estabelecida entre estas categorias, permite encontrar duas teorias explicativas, distintas, sobre a experiência da parentalidade durante o confinamento, em pais e filhos. Neste sentido, é explanado, no tópico seguinte, uma fase de Pré-Resultados, que servem de base para a configuração teórica final. A Figura 1, assim como a elucidação abaixo mencionada refere-se à perspetiva parental, enquanto a Figura 2 e respetiva explanação sustenta a perspetiva dos filhos.

Quadro 1
Relações Categoriais de acordo com a Perspetiva dos Pais





Sobrefunções Parentais

A categoria Sobrefunções Parentais está relacionada, essencialmente, com as funções mais amplas, implícitas no termo de parentalidade, como educação, apoio às necessidades, desenvolvimento físico, cuidado e proteção. Neste caso, estão também envolvidas as funções de vida doméstica e laborais que os pais já têm de desempenhar diariamente, acrescidas pela nova tarefa que lhes é incutida durante o período de confinamento: a participação na aprendizagem escolar dos filhos, sendo, então, o termo que melhor abrange esta multiplicidade de características.

No caso da perspetiva dos pais, de forma geral, as Sobrefunções Parentais emergem, sobretudo da necessidade de Gestão do Caos “Nós somos uma família grande, teve de existir uma organização muito grande. É como eu costumo dizer, se eu atrasar uma máquina de roupa por semana, desorienta-se a semana toda cá em casa” (G2M, 37 anos), precisamente, por existir uma quantidade de tarefas perante as quais os pais tinham de adotar uma postura mais firme e organizada, assim como, a Pressão e Exigência Escolar “(Filhos) Estavam mesmo a trabalhar e, eu acho que até trabalharam mais que na escola, isso também nos afetou um bocadinho. Ali havia um controlo, cada aula obrigava a uma evidência, um trabalho. Os miúdos tinham trabalhos para fazer, prazos, aulas, era uma responsabilidade muito grande” (S1P, 41 anos) o que, por consequência, resultava num maior desgaste emocional, quando comparado com situações pré-confinamento “Às vezes sentia-se um bocado aquele desgaste de estarmos todos “ratos dentro da toca”, um sai daqui vai para ali...” (S2M, 42 anos).

Disponibilidade Parental

A categoria Disponibilidade Parental, como mencionado acima, surge da união da Disponibilidade Afetiva e do Envolvimento Parental, que embora representem ideias diferentes, estão ambas muito presentes nas mesmas verbalizações. A Disponibilidade Parental engloba o afeto, a demonstração de sentimentos positivos, como o amor, o carinho e amizade, mas também a capacidade dos pais se envolverem nas atividades e tarefas dos seus filhos, com o objetivo de auxiliar ou aproveitarem o tempo junto deles.

Os pais, em ambas as famílias, sentem que a Diversidade de Entretenimento, isto é, a multiplicidade de tarefas informais que são permitidas desempenhar, por consequência do confinamento, permitem, deste modo, uma maior Disponibilidade Parental “Tínhamos mais tempo para ler uma história, estarmos mais próximos, não termos pressa para qualquer coisa (...) Vamos fazendo coisas e estamos ali uns ao pé dos outros. E isso foi bastante positivo, estarmos mais tempo juntos foi muito bom” (S2M, 42 anos), levando a uma maior União e Fortalecimento de Laços entre todos “O facto de estarmos mais tempo juntos. Eu gosto muito deste estilo assim, de família. Primeiro nós e isso aproximou-nos mais nesse sentido, de estarmos mais em casa, mais uns com os outros” (G2M, 37 anos). Por oposição, a Pressão e Exigência Escolar é também considerado um fator preponderante à Disponibilidade Parental, pelo envolvimento necessário dos pais, o que, por sua vez, acentua o Desgaste Emocional sentido “A parte da escola que não é propriamente a nossa competência enquanto pais, tivemos um bocadinho mais de dificuldade” (S2M, 42 anos).

Imposição de Regras e Limites

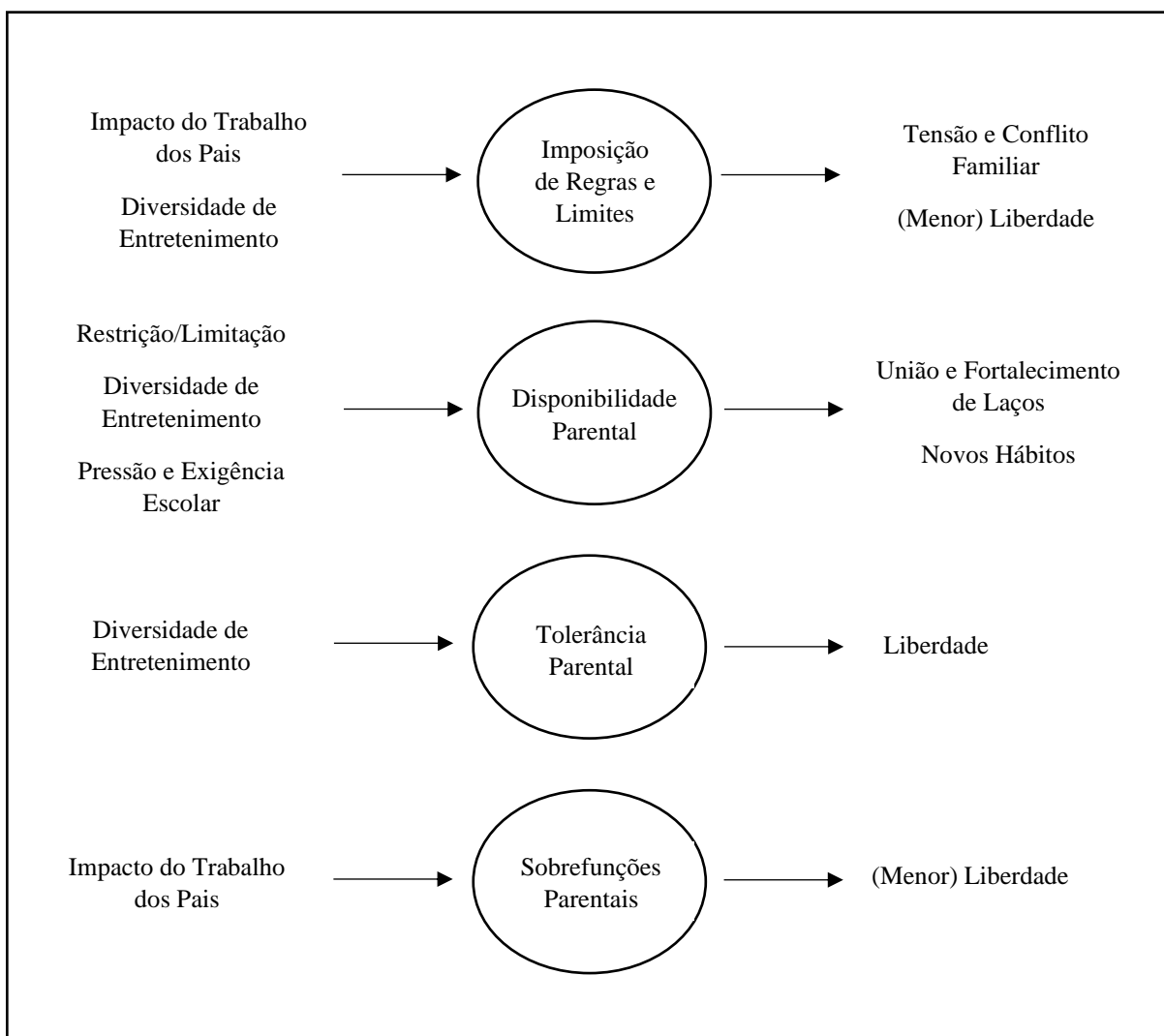
A categoria Imposição de Regras e Limites é um dos conceitos parentais existente na literatura e que, embora seja subjacente às funções parentais, tornou-se pertinente destacar numa categoria distinta, por envolver verbalizações, simultaneamente, específicas e semelhantes. A mesma, como o próprio nome indica, está relacionada com a necessidade que os pais têm de inculcar regras e limitar as ações dos seus filhos, para que não tenham comportamentos desadequados e consigam zelar pelo sucesso, valores e atitudes futuras.

Assim, a implementação da Restrição/Limitação, seja de espaço, de contacto, de equipamentos, aliado à necessidade redobrada da Gestão de Caos, levou os pais a implementarem diferentes Regras e Limites “Às vezes era um bocadinho assim, tínhamos de ensiná-las que as coisas têm regras, às vezes é difícil para eles, sobretudo as mais velhas que estão naquela idade, mas acho que é muito importante perceberem que cá em casa, para isto

funcionar, temos de remar todos para o mesmo lado” (G2M, 37 anos). Por consequência, existe por um lado, uma maior Tensão e Conflito Familiar, por existirem regras e limites com os quais os filhos não concordam, e por outro lado, uma maior União e Fortalecimento de Laços por os pais sentirem que estão todos em sintonia, no sentido em que toda a família está na mesma situação “Por um lado até conseguimos aproveitar mais o tempo, mas por outro também vemos mais defeitos e às vezes estas coisas não se vêm e chateamo-nos mais. Mas de certa forma também precisávamos disto, sobretudo nos dias normais” (G1P, 40 anos).

Quadro 2

Relações Categrais de acordo com a Perspetiva dos Filhos



Imposição de Regras e Limites

A ideia de Imposição de Regras e Limites deriva, essencialmente, das normas utilizadas pelos pais, para que conseguisse existir um ambiente organizado e tranquilo. Assim, os filhos

referiram que, em termos de atividades e espaço, estiverem mais condicionados “Às vezes eles (pais) não deixavam algumas coisas, como vir à rua.” (S3F4M, 7 anos); “A mãe ralhava, não queria que estivéssemos sempre no quatro.” (G3F2, 12 anos). No entanto, tal como revelado pelas transcrições, estas limitações derivaram da necessidade de controlar a diversidade de entretenimento ou, mais especificamente, a forma como se entretinham, uma vez que existiam brincadeiras que necessitavam de supervisão parental e essa nem sempre era possível. Por outro lado, a Imposição de Regras e Limites esteve intrinsecamente relacionada à quantidade de trabalho dos pais, uma vez que os filhos referiram que, durante a pandemia, os pais nunca deixaram de trabalhar e que tinham sempre imensas tarefas laborais em mãos. Como consequência, os filhos nem sempre se sentiam satisfeitos com as decisões dos pais e, por vezes, existia um maior conflito e tensão familiar, nomeadamente entre irmãos, pela falta de entretenimentos em paralelo, necessitando da intervenção dos pais “O S3F1 só me chateava e depois era eu que ia de castigo em vez dele” (S3F4F, 7 anos).

Disponibilidade Parental

De forma geral, os filhos, desde os mais pequenos aos mais crescidos, denotam maior disponibilidade por parte dos seus pais, quer em termos de envolvimento nas tarefas e atendimento às necessidades, assim como na forma como são afetuosos consigo. Assim, se por um lado os filhos denotam maiores limites à forma como ocupam o seu tempo, tal como elucidado em cima, por outro, a Restrição/Limitação, ao nível das relações interpessoais, espaço e/ou locais, assim como a maior Diversidade de Entretenimento e, por outro lado, a Pressão e Exigência Escolar, traduzem-se numa maior demonstração afetiva “Às vezes nós íamos as duas para a cama (S3F4F e a mãe) e também brincava com ela na rua” (S3F4F, 7 anos), envolvimento em atividades e tarefas “Sei lá, mudaram um bocadinho. Como estávamos mais tempo juntos, fazíamos mais coisas juntos e ficava mais à vontade e a fazer outras coisas” (G3F2, 12 anos); “(...) também ajudavam a aprender coisas, a fazer os trabalhos (...)” (S3F2, 12 anos) e atendimento às necessidades “Os pontos a favor foi pudermos estar em casa e quando precisávamos de alguma coisa, eles estavam lá. Mesmo que eles estivessem a trabalhar, nós se precisássemos deles, ajudavam” (S3F2, 12 anos). Consequentemente, a perspetiva que os filhos retêm da parentalidade dos próprios pais, leva à noção de União e Fortalecimento de Laços “O confinamento fortaleceu a relação com os pais porque passámos mais tempo juntos e eles estavam mais disponíveis” (S3F2, 12 anos).

Numa outra perspetiva, a Disponibilidade Parental também tem efeito em termos de

aquisição de Novos Hábitos, uma vez que os filhos da família G e S declaram que durante o período de confinamento desenvolvem-se Novos Hábitos que perduram até à atualidade, mesmo terminado o isolamento em casa “Depois da quarentena, todos os sábados vemos um filme juntos aqui na sala e antes não fazíamos” (S3F1, 14 anos); “Agora os pais estão sempre a dizer para sairmos do quarto. E passámos a estar mais tempo juntos” (G3F2, 12 anos).

Tolerância Parental

A Tolerância Parental engloba, do ponto de vista dos filhos, atitudes mais flexíveis dos pais, especificamente, maior permissividade no desempenho de diferentes atividades e entretenimento “A mãe e o pai deixam-nos fazer mais coisas.” (S3F4M, 7 anos), como também a forma como reagiam perante situações, potencialmente, conflituosas “Imagina, está tudo bem e não sei quê, de repente alguém começa a falar mal e é uns gritos aqui e uns fritos acolá e no confinamento era um bocadinho mais calmo” (G3F1, 17 anos). Esta valorização categórica surge da Diversidade de Entretenimento, já que, embora predominassem as funções escolares remotamente, existia maior disponibilidade e oportunidade para se divertirem. Por consequência, este fator, aliado à Tolerância Parental, é percebido pelos filhos como uma maior sensação de Liberdade, seja pelo envolvimento em novas e diferentes atividades, a possibilidade de explorarem o meio, ou de estarem junto de familiares e vizinhos próximos “Mas foi bom porque também brincámos mais, tínhamos mais tempo” (S3F2, 12 anos); Nós íamos dar passeios, íamos à casa dos primos, brincávamos muito com os primos e fazíamos ginástica em casa.” (S3F4F, 7 anos). Assim, existe uma forte relação entre a Diversidade de Entretenimento e a Liberdade porque, graças à Tolerância Parental, podem ser experimentadas diferentes formas de entretenimento o que está, neste caso, automaticamente implícito na noção de (maior) Liberdade.

Sobrefunções Parentais

As Sobrefunções Parentais é uma das categorias que, tanto é verbalizada por pais quanto por filhos, referindo-se, na perspetiva dos filhos, às tarefas laborais que tinham de desempenhar, em casa. Tal categoria emerge dos relatos acerca do Impacto do Trabalho dos Pais “Se calhar, os meus pais ficaram com um bocadinho mais de trabalho em casa e também como dão os dois aulas foi um bocado mais difícil porque tinham de estar sempre a fazer coisas e a corrigir trabalhos (S3F2, 12 anos)”. Por efeito, predominou, perante estas situações, menor liberdade, uma vez que os filhos não podiam aceder a todas as atividades e espaços “Às vezes a mãe não deixa fazer atividades e tem muito trabalho a fazer” (S3F4F, 7 anos).

Codificação Seletiva

A categoria central que integra e refina as categorias emergentes ao longo de todo o processo de codificação, através do qual se pode determinar a teoria, de forma ampla, (Strauss & Corbin, 2008) é determinada pelo termo Processo de Disponibilidade Parental na Relação Pais-Filhos. Integra todas as categorias que foram sido mencionados ao longo da análise e tratamento de dados e, especificamente, a forma como a restrição de contacto, ambientes e contextos possibilitaram por um lado, a Diversidade de Entretenimento e, por outro, a Pressão e Exigência Escolar que contribuíram para um maior envolvimento e afetividade parental, conduzindo a uma maior União e Fortalecimento de Laços, mas reforçando Conflitos e Tensões Familiares existentes.

Resultados

Os dados recolhidos e analisados, dos participantes, permitem compreender o fenómeno do confinamento, nomeadamente a experiência que retiram da parentalidade durante esse período, quer seja na perspetiva dos pais, quer seja na perspetiva dos filhos. De forma geral, os entendimentos individuais são muito semelhantes entre si. Dito de outro modo, a forma como um pai numa dada família entendeu o seu processo de parentalidade é transversal a todos os pais de ambas as famílias, tal como a perspetiva dos filhos se coaduna, na sua maioria. O que leva a concluir que a vasta análise elaborada em torno do conteúdo das entrevistas realizadas possibilitou, como marco final, a emergência de uma categoria representativa de todo o processo de Experiência de Parentalidade durante o Confinamento: Perspetiva de Pais e Filhos. Permite o entendimento daquilo que é o objetivo de análise do presente estudo e contribui para a perceção da realidade, representativa, das famílias numerosas durante o período de contingência, em Portugal. A representatividade da amostra é assim denominada, uma vez que, a compreensão deste fenómeno, ainda pouco explorado, contou com a colaboração de duas famílias numerosas e, embora a população-alvo possa ser reduzida, os resultados podem representar, de forma geral, a opinião comum.

O tema central, emergente do processo de investigação, tem que ver, essencialmente, com o Processo de Disponibilidade Parental na Relação Pais-Filhos, já que as verbalizações mais recorrentes assentam na ideia de Disponibilidade Parental, isto é, disponibilidade afetiva por parte dos pais, bem como maior envolvimento dos mesmos, quer em brincadeiras, tarefas escolares ou atividades extracurriculares. No entanto, o tema central recai sobre uma lógica circular, uma vez que uma “causa” leva a um “efeito”. Detalhadamente, a Disponibilidade Parental não existiria caso a Pressão e Exigência Escolar não tivessem sido tão sufocantes quanto aquilo que as famílias referiram, assim como não prevaleceria se a Diversidade de Entretenimento não fosse tão vasta. Assim, se a Pressão e Exigência Escolar, tal como a Diversidade de Entretenimento, conduziram a uma maior Disponibilidade Parental, o efeito sentido teve que ver, necessariamente, com o aumento da União e Fortalecimento de Laços, como tantas vezes fora mencionado. Em menor número, mas ainda relevante, a Restrição/Limitação de contacto, relações interpessoais, ambientes, espaços físicos, tecnologias e contextos, reforçou a conceptualização de Disponibilidade Parental e de União e Fortalecimento de Laços. Este último ponto engloba a aproximação e reforço das relações familiares entre os membros constituintes, assim como o dispêndio de tempo juntos, a qualidade das suas aproximações e a forma como se conectavam. Por outro lado, a Disponibilidade

Parental também parece ter conduzido ao Desgaste Emocional, sobretudo quando conectado com as Sobrefunções Parentais, como está explanado na Figura 1. Este efeito é sentido, essencialmente, pelos pais, uma vez que a necessidade e a atenção que os filhos merecem, nem sempre é acompanhada de União e Fortalecimento de Laços, mas antes de cansaço, desgaste e stress, já que permanece o outro lado da realidade que se prende com a continuidade da realização das tarefas laborais, tarefas domésticas e, acrescentando as tarefas escolares, que não são, segundo os pais, da sua competência.

Indo ao encontro das questões de investigação construídas inicialmente, tendo em vista a emergência do tema central, como auxiliador da compreensão da experiência da parentalidade durante o confinamento, é possível entender que a adaptação ao confinamento é entendida como razoável “Foi mais ou menos”. Isto porque todos os participantes revelam prós e contras da experiência de estarem confinados. Assim, se por um lado as restrições possibilitam aos filhos terem mais tempo de brincadeira, mais liberdade de entretenimento, por outro, limita as suas relações interpessoais, formas de dispêndio de tempo, reforçando os conflitos fraternos “Teve as suas partes. Às vezes era chato estar em casa porque estávamos sempre a chatear-nos uns aos outros, mas por outro lado também foi bom porque todos estavam a precisar de descansar da escola e das rotinas, que eram cansativas” (S3F1, 14 anos); “Foi um bocado chato. Quando eu estava a tentar fazer alguma coisa, eles (irmãos) chegavam e começavam a brincar lá ao pé de mim e isso irritava-me um bocado e passava-me um bocado e principalmente a S3F4F” (S3F2, 12 anos). A perspetiva dos pais assenta na mesma lógica, já que referem que o lado positivo de estarem confinados tem que ver com a possibilidade de terem oportunidade de realizar tarefas e funções que, com a correria do dia a dia, ficam para trás e que, precisamente pelo mesmo motivo, têm também a oportunidade de disfrutarem da companhia dos filhos “Eu também gosto muito de ficar em casa e para mim não foi mau porque acabámos por ficar mais por aqui e dava para fazer outras coisas. Como os dias eram maiores, às 17horas desligávamos tudo e fizemos uma horta, arrumámos umas lenhas que havia para arrumar” (S1P, 41 anos). Por outro lado, a vertente negativa da experiência de confinamento, para os pais, está relacionada com as Sobrefunções Parentais, uma vez que existem mais tarefas ao encargo dos pais “Foi extremamente cansativo porque também tínhamos de limpar ou fazer comida, essas coisas todas e não tínhamos mais ajuda nenhuma” (S2M, 42 anos); “Por um lado até conseguimos aproveitar mais o tempo, mas por outro também vemos mais defeitos e às vezes estas coisas não se vêm e chateamo-nos mais” (G1P, 40 anos).

Conhecido, deste modo, o balanço que tanto pais quanto filhos retiram da experiência

do confinamento em família, embora salientando diferentes pontos de vista, é possível reter a forma como a mesma influenciou o processo de parentalidade. Curiosamente, a forma semelhante como cada participante se adaptou à situação de confinamento acabou por ser transversal à influência que teve sobre a perspetiva do processo de parentalidade. Isto é, os pais, tal como explanado acima, demonstram, de forma geral, que o confinamento permite debruçarem-se sobre outros afazeres e envolverem-se nas atividades e na companhia dos filhos, o que remete para o tema central da investigação – Disponibilidade Parental. Assim, se por um lado a vertente positiva possibilitou maior Disponibilidade Parental, contribuindo para uma maior União e Fortalecimento de Laços, por outro, a vertente negativa da experiência esteve diretamente relacionada com as Sobrefunções Parentais, conduzindo ao Desgaste Emocional. A figura seguinte contém alguns dos relatos dos pais participantes que justificam os resultados encontrados, seja a componente positiva, como a negativa.

Quadro 3

Relatos dos pais acerca da parentalidade durante o confinamento

S2M, 42 anos

“Tínhamos mais tempo para ler uma história, estarmos mais próximos, não termos pressa para qualquer coisa (...) Vamos fazendo coisas e estamos ali uns ao pé dos outros. E isso foi bastante positivo, estarmos mais tempo juntos foi muito bom.” || “Foi extremamente cansativo porque também tínhamos de limpar a casa ou fazer a comida, essas coisas todas e não tínhamos mais ajuda nenhuma.”

S1P, 41 anos

“(...) houve mais disponibilidade afetiva, se calhar mais vontade, era aquela coisa de “Vamos aproveitar para.” || “A pressão é muito grande, principalmente durante a semana, porque nós tínhamos de trabalhar e ao mesmo tempo tínhamos de gerir aquelas coisas todas, as rotinas deles, quem é que faz, quem não faz, quem vai, quem não vai, que equipamento é que vai usar.”

G2M, 37 anos

“O facto de estarmos mais tempo juntos. Eu gosto muito deste estilo assim, de família. Primeiro a família, depois os amigos. Primeiro nós e isso aproximou-nos mais nesse sentido, de estarmos mais em casa, mais uns com os outros.” || “A questão das aulas foi

mais complicada, porque tinham uma carga horária total, 100% de aulas online e foi muito trabalhoso, havia muitos trabalhos. Foi uma loucura.”

G1P, 40 anos

“Por um lado, até conseguimos aproveitar mais o tempo, mas por outro também vemos mais defeitos e às vezes estas coisas não se vêem e chateamo-nos mais. Mas de certa forma também precisávamos disto, sobretudo nos dias normais. (...) || Os principais pontos contra foi a gente perceber as coisas que estão mal, enervarmo-nos mais, vimos mais as coisas que estão mal.”

Já na ótica dos filhos, a forma como encaram o confinamento está diretamente relacionada com a forma como perspetivam a parentalidade dos seus pais, uma vez que sentem que existe maior Disponibilidade Parental, contribuindo para a União e Fortalecimento de Laços, o que se constitui como o aspeto positivo do confinamento, mas por outro lado, Imposição de Regras e Limites, o que contribui para menor Liberdade e Tensão e Conflito Familiar, traduzindo-se na desvantagem que o confinamento acarretou.

Para concluir, a primeira questão de investigação desenvolvida *à priori*, cujo objetivo era entender como é que cada família se adaptou à situação de confinamento e como a perspetiva individual de cada membro influenciou o processo de parentalidade, permite vislumbrar uma linearidade entre a experiência de confinamento e a perspetiva de parentalidade, uma vez que a vertente negativa, conduz à conceptualização de aspetos mais negativos na parentalidade e a vertente positiva permite salientar aspetos pertinentes, que não são recorrentes, em situações normais do dia-a-dia, antes do confinamento.

A questão de investigação seguinte tem o intuito de perceber a forma como os pais e filhos experienciam mudanças no processo de parentalidade. De acordo, com a emergência do tema central, é possível colocar as categorias mais importantes em evidência e, simultaneamente, ter um acesso mais direto a esta resposta. Assim, quando os filhos referem que existem diferenças na forma como os pais se comportam perante eles, não se limita apenas ao afeto, isto é, toque intencional e carinho, mas, sobretudo, ao envolvimento em tarefas escolares, brincadeiras e atividades extracurriculares, o que se traduz, uma vez mais, em Disponibilidade Parental, levando à União e Fortalecimento de Laços e Novos Hábitos. A Figura 4 apresenta alguns dos excertos que elucidam essa ideia.

Quadro 4

Relatos dos filhos acerca da parentalidade durante o confinamento

“Acho que estiveram mais carinhosos porque só estávamos ali nós e depois quando acabam o trabalho à noite, íamos para o sofá ver televisão e estávamos ali todos (...) O confinamento fortaleceu a relação com os pais porque passámos mais tempo juntos e eles estavam mais disponíveis.” (S3F2, 12 anos);

“Acho que existiu mais afeto porque o tempo livre que tínhamos era passado com eles e dava para aproveitar para eles estarem connosco e darem carinho.” (S3F1, 14 anos);

“Quando eu não fui à escola foram mais bonzinhos para mim (pais) (...) deram-me muitos maminhos” (G3F4, 3 anos)

“Os pais iam ver-nos a saltar no trampolim, ou ouvir-nos tocar ou estar só lá connosco.”
(S3F1, 14 anos)

“Por exemplo, eu às vezes tinha desafios de educação física ou karaté e fazíamos todos juntos, a família toda.” (G3F2, 12 anos)

Já na perspetiva dos pais, as principais diferenças sentidas nos seus processos de parentalidade passam, curiosamente, por verbalizações semelhantes às que foram mencionadas anteriormente. Contudo, quando colocada a questão “Sentiu alguma diferença no processo de ser mãe/pai durante o confinamento?” as respostas foram dos pais, em ambas as famílias foram unânimes, ou seja, para os pais a forma como encaram o processo de parentalidade, como um todo, mantem-se inalterado “A parentalidade no confinamento é como o Dia do Pai... é todos os dias, mas eu por mim sinto que foi igual.” (G1P, 40 anos).

No entanto, quando se explora de diferentes formas a mesma questão, as respostas vão surgindo, culminando, uma vez mais, na Disponibilidade Parental “Eles andaram a fazer uns vídeos e às vezes ajudava um bocadinho nisso. Vamos fazendo coisas e estamos ali uns ao pé dos outros. E isso foi bastante positivo, estarmos mais tempo juntos foi muito bom.” (S2M, 42 anos), mas também, a Pressão e Exigência Escolar que conduziram às Sobrefunções Parentais “Claro que com mais intensidade, mais presente. A parte da escola que não é propriamente a nossa competência enquanto pais, tivemos um bocadinho mais de dificuldade, com os mais

novos, os mais velhos não tive grande interferência. Organizavam-se.” (S2M, 42 anos) e a Imposição de Regras e Limites, como forma de Gerir o Caos “Às vezes é um bocadinho assim, temos de ensiná-las que as coisas têm regras, às vezes é difícil para eles, sobretudo as mais velhas que estão naquela idade, mas acho que é muito importante perceberem que cá em casa, para isto funcionar, temos de remar todos para o mesmo lado.” (G2M, 37 anos). Assim, se por um lado os filhos, quando confrontados com a mesma questão salientam os aspetos mencionados acima, os pais consideram que as funções parentais se mantêm inalteradas, embora, anteriormente, por meio dos relatos se possa concluir que se envolvem mais com os seus filhos. O que leva a querer que quando a questão é direta e pretende, efetivamente, confrontar o balanço parental, os pais revelam constância parental, relacional e afetiva. Deste modo, o tema central, como todas as categorias emergentes não são discriminativas deste resultado constante. Embora tenha sido contruída uma categoria *à priori*, para albergar estes conteúdos, a mesma é eliminada por falta de frequência, auxílio de entendimento dos dados, em detrimento de categorias mais elucidativas e teoricamente suportadas.

Por fim, a última questão de investigação, dirigida aos filhos, e numa lógica sistémica, a relação e composição fraternal, pretende esclarecer de que forma a perspetiva de parentalidade de cada filho é influenciada pelo lugar que ocupam na fratria. O objetivo é avaliar se a participante mais nova da investigação, com três anos, tem uma perspetiva diferente da irmã mais velha, com 17 anos, na família G., ou se, os irmãos mais novos, com 7 anos, diferem de opinião, comparativamente ao irmão mais velho, de 14 anos, da família S., e assim sucessivamente. No que diz respeito aos filhos da Família G, as três filhas mais novas do casal – 3, 5 e 12 anos – referem que perceberam mudanças na forma como os pais se relacionavam consigo, reforçando, mais uma vez, a Disponibilidade Parental, conduzindo à União e Fortalecimento de Laços. No entanto, a irmã mais velha, de 17 anos, relata que a relação se manteve inalterada e que apenas “Uniu quando teve de unir, mas depois quando voltámos à escola voltou tudo ao normal.” (G3F1, 17 anos). Já nos filhos da Família S., a filha, de 7 anos, relata que os pais embora se tenham denotado mais disponíveis foram, em maior grau, exigentes, emergindo a ideia de Imposição de Regras e Limites, em detrimento da Disponibilidade Parental. O irmão, de 7 anos, sugere que a parentalidade dos pais se manteve inalterada, salientando apenas a ideia da Aquisição de Novos Hábitos já que “Agora vemos muitos filmes e continuámos a fazer mais filmes. Já fizemos dois e vamos fazer quatro e já gravámos um bocadinho de um.” (S3F4M, 7 anos). Os restantes irmãos de 9, 12 e 14 anos sentiram maior Disponibilidade Parental e Tolerância Parental, conduzindo à União e

Fortalecimento de Laços, Liberdade, assim como, Aquisição de Novos Hábitos.

Em suma, é possível perceber que a posição na fratria varia em função da família participante, uma vez que, na Família G., as filhas mais novas referem maior Disponibilidade Parental, enquanto a filha mais velha sente que se manteve tudo inalterado. Por oposição, na família S., os filhos mais novos sentiram que a parentalidade se manteve inalterada, diferindo apenas na adoção de novas regras e limites e, por outro lado, na Aquisição de Novos Hábitos. Os filhos mais velhos relataram Disponibilidade Parental como sendo a categoria mais ampla das suas verbalizações.

Os resultados demonstram que existe uma complementaridade constante dos dados, no sentido em que todas as categorias vão sendo denotadas ao longo das questões de investigação, apesar da tendência para a convergência no tema central. O estudo do fenómeno com base nos critérios definidos e necessários à *Grounded Theory* parecem evidenciar um sistema cíclico integrativo de todas as categorias. Deste modo, é perceptível a emergência sistemática da Disponibilidade Parental na Relação Pais-Filhos, de cada vez que é afunilado o seu entendimento. Assim, mesmo que as questões de investigação tenham o objetivo de adquirir diferentes entendimentos sobre o processo de parentalidade, o que é eficazmente conseguido, são, também, salientes categorias mencionadas em grande número. São elas: o envolvimento parental, a disponibilidade afetiva e a participação em tarefas/atividades.

Posto isto, os dados recolhidos dão conta da construção de uma teoria em torno da experiência da parentalidade em famílias numerosas, salientando a perspetiva de pais e filhos sobre a mesma. Perante aquele que é o tema primordial da presente investigação, a teoria demonstra que o período de confinamento, decorrente do perigo de contágio por COVID-19 e consequente disseminação, é marcado por momentos oscilantes entre maior exigência e limitações parentais e estados de aproximação afetiva, quando comparados com situações normais de vida diária pré-confinamento. Para os pais, a forma como percecionam o seu processo de parentalidade durante o confinamento prende-se, essencialmente, com o aumento das exigências parentais, amplificando as suas demandas. Por outro lado, possibilita a aproximação e o cultivo da relação com os seus filhos, já que o confinamento – estar condicionado em casa – permite o dispêndio de tempo em família, envolvendo-se no entretenimento, atividades e tarefas dos filhos, algo que não é comum com a correria do dia-a-dia e as rotinas fora de casa. Por seu turno, os filhos, sentem maior disponibilidade por parte dos pais, perspetivando alterações positivas no seu processo de parentalidade. Assim, à semelhança dos pais, os filhos sentem que os seus cuidadores se envolvem mais nas suas

atividades e entretenimento, que são mais afetuosos e isso conduz a maior dispêndio de tempo juntos, fortalecendo a relação. Por outro lado, também sentem que as Sobrefunções Parentais, pelo impacto das suas funções laborais, contribuem para a Imposição de Regras e Limites diferentes conduzindo, por sua vez, a maior Tensão e Conflito Familiar.

Uma consideração adicional, que merece igual destaque e, embora não seja um objetivo definido à partida, está relacionada com a comparação de respostas entre ambas as famílias, numa perspetiva geral. Isto é, apesar de existirem muitas semelhanças nas verbalizações dos participantes pais e dos filhos, existem diferenças subtis contributivas da teoria. Como em qualquer outra temática, existem dimensões e fatores que determinam a forma como um fenómeno se comporta, sejam eles externos à família, uma vez que a mesma está integrada em diferentes sistemas, sejam as características inerentes a cada individuo, como traços de personalidade, temperamento, valores, regras e rotinas. Assim, é possível antecipar, à partida, que cada família difere no modo como se relaciona, como pensa e como age em função dos elementos constituintes e em função daquilo que a rodeia. Concretamente, as principais disparidades encontradas fazem sentir-se ao nível dos relatos dos filhos, uma vez que na Família G não são referidas tantas mudanças ao nível da autoridade parental, especificamente nas regras e limites porque é já algo muito presente no dia a dia da família e, com as alterações das rotinas pelo confinamento, não foi tão prevalente na perspetiva das filhas da Família G, quanto foi denotado na família S. Por outro lado, os relatos tanto de pais quanto de filhos na Família S dão conta de uma avó que é muito importante na rotina familiar, uma vez que é uma grande ajuda na organização da casa, das tarefas domésticas e na participação das atividades de cada um. Assim, se por um lado durante o confinamento, a Família S conta com a ajuda de um apoio extra, facilitando as demandas de cada um, também demonstram maior afetividade e envolvimento por parte dos pais durante esse período, em comparação com a Família G. Existe uma maior aproximação entre todos os membros e envolvimento em atividades que até então não eram realizadas. De qualquer das formas, este aspeto é salientando em ambas as famílias, de igual forma, embora a forma como a Família S vislumbra essa união seja mais prevalente e detalhada.

Discussão

A teoria explanada anteriormente, emergente dos dados recolhidos, permite fundamentar e suportar a literatura revisada ao longo da investigação. Através das verbalizações dos participantes, a formulação da teoria dá conta de uma perspetiva sobre o processo parental comum. Embora sejam evidenciados aspetos divergentes entre pais e filhos naquilo que é a perspetiva que cada um retira das funções exercidas pelas figuras primárias em cada família, a apreciação global é muito semelhante, de forma geral.

Os pais sentem que as suas funções são amplificadas, já que aumentam as suas demandas, tornando o seu papel mais desafiador, mas por outro lado, a forma como estão física e emocionalmente com os seus filhos sofre alterações positivas, sendo ampliada aquela que é a dimensão de responsividade, postulada por Baumrind, quando caracteriza a parentalidade em função de Estilos Educativos Parentais. Assim, a apreciação global que os pais retêm da parentalidade durante um período conturbado, quanto aquele que passaram, evidencia aspetos positivos e negativos, mas sobretudo, releva o balanço de proximidade, leveza e proveito da companhia dos filhos e meio envolvente. Os filhos, embora possam divergir na forma como encaram a parentalidade, o que parece estar relacionado com o fator idade, oscilam, essencialmente, entre as dimensões de Responsividade e Exigência. Dito de outro modo, os filhos revelam que os pais estão mais disponíveis e próximos, envolvendo-se mais, quer nas brincadeiras, quer nas tarefas, no entanto, estão, também, mais exigentes devido a todas as tarefas que têm de conduzir, o que leva por um lado à maior aproximação e união entre pais e filhos e por outro, a períodos conturbados, marcados por tensão e conflitos.

Deste modo, o surgimento do conceito Processo de Disponibilidade Parental na Relação Pais-Filhos é a forma mais ilustrativa e representativa de todas as ideias que foram surgindo ao longo das verbalizações dos participantes e permite compreender o fenómeno mais prevalente na Experiência da Parentalidade durante o Confinamento, cuja dimensão se insere nas funções mais defendidas por variados autores. Funções essas que passam pela satisfação das necessidades básicas de sobrevivência e saúde; disponibilização de um mundo físico organizado e previsível à criança; satisfação das necessidades de afeto, confiança e segurança, possibilitando relações de vinculação (Palácios e Rodrigo, 1998; Bornestein, 2002; Parke & Buriel, 2007).

Tal como mencionado anteriormente, embora consigam evidenciar-se aspetos implícitos na teoria desenvolvida por Baumrind, não é possível adiantar um Estilo Educativo Parental que caracterize cada um dos pais participantes do estudo, uma vez que é necessário um

instrumento de avaliação quantitativo que albergue questões, cujos resultados sejam conclusivos.

De qualquer forma, os resultados obtidos têm sustentabilidade teórica, nomeadamente em termos de dimensões, funções e determinantes, que contribuem para o entendimento do conceito de parentalidade, pelas semelhanças encontradas, o que permite confirmar as teorias existentes até então. As entrevistas realizadas com os pais e filhos dão conta da existência de um conjunto de variáveis dispostas na literatura, que ambos mencionam, de forma não assumida, nos seus discursos. Perante as onze dimensões desenvolvidas por Hoghughi (2004), distribuídas por três grandes temas e, que no estudo acolhem as funções parentais, torna-se possível entender que, os Pré-Requisitos, respeitantes às tarefas complexas realizadas pelos pais para atender ao compromisso e responsabilidade exigidos, as Áreas Funcionais que promovem a saúde física e mental, assim como o funcionamento educativo e intelectual, e as Atividades Parentais, que asseguram o bem estar da criança, foram integralmente cumpridos no processo de ser pai e mãe. Todos os participantes referem de um modo ou de outro, o Envolvimento Parental e a Imposição de Regras e Limites, que têm como objetivo, no fenómeno, assegurar a concretização de funções obrigatórias como as tarefas escolares, e permitir o funcionamento saudável entre mente-corpo, por meio de atividades em família e demonstração afetiva, levando à proximidade e união. Assim, se por um lado o balanço que os participantes retiram do confinamento é negativo, por outro, a vertente positiva da situação é suportada por todas as dimensões que os pais asseguram, como forma de prevenir adversidades e constrangimentos que possam prejudicar a criança (Hoghughi, 2004).

Findo o estudo, parece importante realçar que os resultados obtidos por meio das verbalizações não emergiriam de uma outra forma, senão através de um estudo qualitativo. Isto porque permite o entendimento detalhado de cada uma das perspetivas individuais, dá a liberdade ao participante de verbalizar a sua opinião e mergulhar naquilo que entende serem aspetos importantes e contributivos do seu entendimento, que não são passíveis de serem mencionados por meio de métodos mais fechados e restritivos. As questões formuladas previamente têm, também, em consideração a importância que cada participante tem no domínio da sua experiência e na caracterização e saliência de um aspeto da sua vida. Além disso, o estudo exige o convívio com a realidade e organização familiar de ambas as famílias, nos três momentos tidos com cada uma, o que revela uma maior necessidade empática, relacional e disponibilidade no encontro com cada um. Isto para dizer que o estudo não foca apenas aquilo que pretende encontrar, mas tem em atenção todos os detalhes caracterizadores

de uma relação, baseando-se nos princípios adquiridos ao longo do percurso de Psicologia.

Ainda assim, em projetos futuros que envolvam a mesma temática, faz sentido a opção de uma metodologia mista, que integre um instrumento que avalie os Estilos Educativos Parentais, já que, quando se fala em parentalidade, é frequente e tendencial fazer alusão aos EEP, na busca de um entendimento mais sólido. Estudos posteriores devem também, incluir a participação de famílias de diferentes nacionalidades e culturas, já que um dos determinantes da parentalidade, revisados na literatura explanada em cima, prende-se com as características culturais e tradições subjacentes a cada país.

Como conclusão final, importa determinar que, sendo uma variável recente e pouco recorrente nas investigações contemporâneas, o confinamento, conseqüente da propagação do vírus COVID-19, é um tema que desperta e levanta muitas hipóteses investigativas e potencializa o desenvolvimento e a propagação de nova e necessária informação. Assim, sendo a experiência da parentalidade, durante este período, é ainda mais potenciador de novas perspectivas, entendimentos e, mais do que isso, de valorização familiar, parental, filial e fraternal. Constituindo-se como uma oportunidade de mudança, bem como uma nova visão e integração das dinâmicas vividas em cada habitação, a nível nacional e internacional. Neste sentido, tal como fora mencionado ao longo da presente investigação, os resultados emergentes, tornam-se viáveis e são, acima de tudo, caracterizadoras dos aspetos positivos e negativos da parentalidade, sendo que estes últimos podem ser contornados ou modificados pela sensibilização, por parte dos pais, daquilo que são os aspetos moldáveis da sua forma de parentar. Para tal, é importante que sejam, cada vez mais os estudos, como este, a debruçarem-se sobre as questões familiares, decorrentes do confinamento, seja em agregados numerosos ou não, e albergaram um conjunto diversificado de culturas, nacionalidades e dinâmicas familiares, para um entendimento mais diversificado do fenómeno. É deste modo que os aspetos primordiais são relevados, através dos quais, se potencia a valorização e propaga informação que auxilie as famílias a lidar com situações de crise.

Referências Bibliográficas

- Alarcão, M., & Gaspar, M. F. (2007). Imprevisibilidade familiar e suas implicações no desenvolvimento individual e familiar. *Paidéia*, 17(36), 89-102.
- Ambert, A-M. (2004). An International Perspective on Parenting Social Change and Social Constructs. *Journal of Marriage and Family*, 56(3), 529-543. Doi: 10.2307/352865
- Associação Portuguesa de Famílias Numerosas (2020). *Quem somos*. Disponível em: <https://www.apfn.com.pt/>
- Barroso, R. G., & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica*, 1(52), 211-229.
- Bartow, J. (1961). Family size as related to child-rearing practices. *Dissertation Abstracts International*, 22.
- Baumrind, D. (1966). Authoritative Parental Control on Child Behavior. *Society for Research in Child Development*, 37(4), 887-907. Doi: 10.2307/1126611
- Beckerman, M., Berkel, S. R. V., Mesman, J., & Alink, L. R. A. (2017). The role of negative parental attributions in the associations between daily stressors, maltreatment history, and harsh and abusive discipline. *Child Abuse & Neglect*, 64, 109-116. Doi: 10.1016/j.chiabu.2016.12.015
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55(1), 83-96.
- Belsky, J. (1999). "Interactional and contextual determinants of attachment security". In Cassidy, J., & Shaver, P. (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, Research, and Clinical Applications*. The Guilford Press.
- Bem, L. A. & Wagner, A. (2006). Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconómico. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 63-71.
- Bennett, J. & Grimley, L. (2001). Parenting in the Global Community: A cross-cultural/international perspective. In Fine, M., & Lee, S. (Eds.). *Handbook of diversity in Parent Education: the changing faces of Parenting and Parent education*. Academic Press.

- Biroli, P., Bosworth, S., Giusta, M. D., Girolamo, A. D., Jaworska, S., & Vollen, J. (2020). Family life in lockdown. *Institute of Labor Economics*.
- Borges, I. C. N. (2010). *Qualidade da parentalidade e bem-estar da criança*. (Tese de mestrado não publicada). Universidade de Coimbra.
- Bornstein, M. H. (2002). *Handbook of Parenting: Biology and Ecology of Parenting* (2nd ed.). Lawrence Erlbaum Associates.
- Bowlby, J. (1951). Attachment theory and its therapeutic implications. *Adolescent Psychiatry*, 6, 5-33.
- Brás, S. L. (2009). *Famílias numerosas vs não-numerosas: Um olhar sobre os desafios parentais e familiares* (Tese de mestrado não publicada). Universidade de Lisboa.
- Brock, R. L., & Laifer, L. M. (2020). Family science in the context of the COVID-19 pandemic: Solutions and new directions. *Family Process*, 59(3), 1007-1017. Doi:10.1111/famp.12582
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos*. Porto Alegre: Artmed
- Brooks, S. K., Webster, R. K., Smith, L. E., Woodland, L., Wessely, S., Greenberg, N., & Rubin, G. J. (2020). The psychological impact of quarantine and how to reduce it: Rapid review of the evidence. *The Lancet*, 395, 912-920. Doi:10.1016/S0140-6736(20)30460-8
- Brown, S. M., Doom, J. R., Lechuga-Peña, S., Watamura, S. E., & Koppels, T. (2020). Stress and parenting during the global COVID-19 pandemic. *Child Abuse & Neglect*, 110(2), 1-14. Doi: 10.1016/j.chiabu.2020.104699
- Cao, X., Jiang, X., Li, X., Hui Lo, M. C. J., & Li, R. (2013). Family functioning and its predictors among disaster bereaved individuals in China: Eighteen months after the Wenchuan earthquake. *PLoS ONE*, 8(4), 1-8- Doi: 10.1371/journal.pone.0060738
- Cepellos, V. M., & Tonelli, M. J. (2020). Grounded Theory: Passo a passo e questões metodológicas na prática. *Revista de Administração Mackenzie*, 21(5), 1-29. Doi: 10.1590/1678-6971/eRAMG200130
- Charmaz, K., & Belgrave, L. L. (2012). Qualitative interviewing and grounded theory analysis. In J. F. Gubrium, J. A. Holstein, A. B. Marvasti, & K. D. McKinney (Eds.). *The Sage*

- handbook of interview research: The complexity of the craft* (pp. 347–365). Thousand Oaks: Sage.
- Chung, G., Lanier, P., & Ju, P. W. Y. (2020). Mediating effects of parental stress on harsh parenting and parent-child relationship during coronavirus (COVID-19) pandemic in Singapore. *Journal of Family Violence*. Doi: 10.31219/osf.io.vnf4j
- Cluver, L., Lachman, J. M., Sherr, L., Wessels, I., Krug, E., Rakotomalala, S., Blight, S., Hillis, S., Bachman, G., Green, O., Butchart, A., Tomlinson, M., Ward, C. L., Doubt, J., & McDonald, K. (2020). Parenting in a time of COVID-19. *The Lancet*, 395. Doi: 10.1016/S0140-6736(20)3073belsy
- Cobham, V. E., & McDermott, B. (2014). Perceived parenting change and child posttraumatic stress following a natural disaster. *Journal of Child and Adolescent Psychopharmacology*, 24(1), 18-23. Doi: 10.1089/cap.2013.0051
- Colizzi, M., Sironi, E., Antonini, F., Ciceri, M. L., Bovo, C., & Zocante, L. (2010). Psychosocial and behavioral impact of COVID-19 in autism spectrum disorder: An online parent survey. *Brain Sciences*, 10(6), 1-14. Doi: 10.3390/brainsci10060341
- Crook, S. (2020). Parenting during the COVID-19 pandemic of 2020: Academia, labour and care work. *Women's History Review*, 29(7), 1226-1238. Doi: 10.1080/09612025.2020.1807690
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade* (1ª Ed.). Quarteto.
- Cruz, O. (2014). Que parentalidade?. In *Temas de Direito da Família e das Crianças* (pp. 101-135). Lisboa: Centro de Estudos Judiciários.
- Darling, N. (1999). Parenting style and its correlates. *Eric Digests*, 1-7.
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting Styles as Context: An Integrative Model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487-496.
- Deater-Deckard, K. (1998). Parenting stress and child adjustment: Some old hypotheses and new questions. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 5(3), 314-332.
- Diário da República Eletrónico. (2020). Regulamento a aplicação do estado de emergência decretado pelo Presidente da República. Disponível em:

<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/comunicacao/documento?i=decreto-dogoverno-que-regulamenta-o-estado-de-emergencia>

Direção-Geral da Saúde. (2020). Informações gerais sobre o vírus e a doença. <https://covid19.min-saude.pt/category/perguntas-frequentes/>

Direção-Geral da Saúde. (2020). Manual para as famílias: Como lidar com o isolamento em contexto familiar. Disponível em: <https://covid19.min-saude.pt/wp-content/uploads/2020/04/ManualFam%C3%ADlias-V10.pdf>

Doyle, O. (2020). COVID-19 Exacerbating educational inequalities. *Public Policy*, 1-10.

Feinberg, M. E., Solmeyer, A. R., & McHale, S. M. (2012). The third rail of family systems: Sibling relationships, mental and behavioral health, and preventive intervention in childhood and adolescence. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 15, 43-47. Doi: 10.1007/s10567-011-0104-5

Fernandes, E. M., & Maia, A. (2001). Grounded Theory. In E. M. Fernandes, & L. S Almeida., *Métodos e técnicas de avaliação: contributos para a prática e investigação psicológicas*. Braga: Universidade do Minho. Centro de Estudos em Educação e Psicologia

Fonseca, M. F. C., Cruz, A. G. & Neto, D. M. D. (2012). Expetativas dos doentes face ao internamento numa Unidade de Cuidados Paliativos. *Revista de Enfermagem Referência*, 3 (7), 191-198.

Fontanesi, L., Marchetti, D., Mazza, C., Giandomenico, S., Di Roma, P., & Verrocchio, M. C. (2020). The effect of the COVID-19 lockdown on parents: A call to adopt urgent measures. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 12, 79-81. Doi: 10.1037/tra0000672

Gaspar, M. F. (2020). Parentalidade. In Reis, J. *Palavras para além da pandemia: Cem lados de uma crise*. Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

Gorin, M. C., Mello, R., Machado, R. N., & Féres-Carneiro, T. (2015). O estatuto contemporâneo da parentalidade. *Revista da Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, 16(2), 3-15.

Hanurawan, F. (2012). Qualitative Research in Psychology. *Journal of Educational, Health and Community Psychology*, 1(2), 120-132.

- Hayes, S. A., & Watson, S. L. (2013). The impact of parenting stress: A meta-analysis of studies comparing the experience of parenting stress in parents of children with and without autism spectrum disorder. *J Autism Dev Disord*, 43, 629-642. Doi: 10.1007/s10803-012-1604-y
- Hoghugh, M., & Speight, A. N. P. (1998). Good enough parenting for all children: A strategy for a healthier society. *Arch Dis Child*, 78, 293-300. Doi: 10.1136/adc.78.4.293.
- Hoghugh, M. (2004) Parenting: an introduction. In M. Hoghugh & N. Long (Eds), *Handbook of parenting: theory and research for practice*. (pp. 1-18). Sage.
- Houzel, D. (2004). As implicações da parentalidade. In: Solis-Ponton, L. (Org.). *Ser pai, ser mãe. Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. Casa do Psicólogo
- Lalanda, S. C. R. E. S. (2012). *A percepção das competências parentais por pais e filhos: Fatores determinantes* (Tese de mestrado não publicada). Instituto Superior Miguel Torga.
- Lee, D. H., & Khang, M. (2018). Parenting school-aged children after the death of a child: A qualitative study on victims' families of the Sewol ferry disaster in South Korea. *Death Studies*, 1, 1-11. Doi: 10.1080/07481187.2018.1515794
- Lewis, M. & Feiring, C. (1982). *Some American families at dinner*. Plenum Press.
- Linhares, M. B. M., & Enumo, S. R. F. (2020). Reflexões baseadas na psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. *Estudos de Psicologia*, 37. Doi: 10.1590/1982-0275202037e200089
- Maccoby, E. E. (2000). Parenting and its effects on children: On reading and misreading behavior genetics. *Annual Review of Psychology*, 51, 1-27.
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In P. H. Mussen (Ed.) & E. M. Hetherington (Vol. Ed.). *Handbook of child psychology: Socialization, personality, and social development*. Wiley
- Marchetti, D., Fontanesi, L., Mazza, C., Di Giandomenico, S., Roma, P., & Verrocchio, M. C. (2020). Parenting-related exhaustion during the italian COVID-19 lockdown. *Journal of Pediatric Psychology*, 45(10), 1-10. Doi: 10.1093/jpepsy/jsaa093
- Ministério da Saúde Brasileiro (2020). *Sobre a doença*. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>

- Monteiro, A. I. B. (2019). *Vivência parental do cancro pediátrico – A relação do casal e o impacto na parentalidade* (Tese de mestrado não publicada). Universidade de Lisboa.
- Morelli, M., Cattelino, E., Baiocco, R., Trumello, C., Babore, A., Candelori, C., & Chirumbolo, A. (2020). Parents and children during the COVID-19 lockdown: The influence of parenting distress and parenting self-efficacy on children's emotional well-being. *Frontiers in Psychology, 11*, 1-10. Doi: 10.3389/fpsyg.2020.584645
- Moura, A. A. A. (2019). *Famílias numerosas e não numerosas: Estilos parentais e suporte social*. (Tese de mestrado não publicada). Universidade Lusíada.
- Neece, C., McIntyre, L. L., Fenning, R. (2020). Examining the impact of COVID-19 in ethnically diverse families with young children with intellectual and developmental disabilities. *Journal of Intellectual Disability Research, 64*(10), 739-749. Doi: 10.1111/jir.12769
- Orgilés, M., Morales, A., Delveccio, E., Mazzeschi, C., & Espada, J. P. (2020). Immediate psychological effects of the COVID-19 quarantine in youth from Italy and Spain. *Frontiers in Psychology, 11*. Doi: 10.3389/fpsyg.2020.579038
- Palácios, J., & Rodrigo, M. J. (2007). Familia y desarrollo humano. In M. J. Rodrigo, & J. Palácios (Coords.), *Familia y desarrollo humano* (pp. 25-44). Alianza Editorial
- Payne, C. S. (2020). Parenting in lockdown: Coronavirus and the effects on work-life balance. *Office for National Statistics*. Disponível em: <https://www.ons.gov.uk/peoplepopulationandcommunity/healthandsocialcare/conditionsanddiseases/articles/parentinginlockdowncoronavirusandtheeffectsonworklifebalance/2020-07-22?hootPostID=c488b5fd63472a21380c01d9cf3835>
- Parke, R. D., & Buriel, R. (2007). Socialization in the Family: Ethnic and Ecological Perspectives. *Handbook of Child Psychology*. Doi:10.1002/9780470147658.chpsy0308
- Pereira, D. I. F., & Alarcão, M. (2014). “Parentalidade minimamente adequada”: Contributos para a operacionalização do conceito. *Análise Psicológica, 32*(2), 157-171. Doi: 10.14417/ap.721
- Perrin, E. C., Leslie, L. K., & Boat, T. (2016). Parenting as primary prevention. *JAMA Pediatrics, 170*(7), 637-638. Doi: 10.1001/jamapediatrics.2016.0225

- Pisano, L., Galimi, D., & Cerniglia, L. (2020). A qualitative report on exploratory data on the possible emotional/behavioral correlates of Covid-19 lockdown in 10 years children in Italy. *PsyArXiv*, 4. Doi: 10.31234/osf.io/stwbn
- Prime, H., Wade, M., & Browne, D. T. (2020). Risk and resilience in family well-being during the COVID-19 pandemic. *American Psychologist*, 75(5), 631-643. Doi: 10.1037/amp0000660
- Raphael, J. L., Zhang, Y., Liu, H., Giardino, A. P. (2009). Child parenting stress in US families: Implications for paediatric healthcare utilization. *Child: Care, Health and Development*, 216-224. Doi: 10.1111/j.1365-2214.2009.01052-x
- Reder, P., Duncan, S., & Lucey, C. (2003). *Studies in the Assessment of Parenting*. Taylor & Francis Group.
- Ribeiro, E., & Felizardo, S. (2015). Parentalidade e estilos educativos: Perspetivas de pais e crianças (educação pré-escolar). *Revista de Estudos e Investigación en Psicología y Educación*, 5. Doi: 10.17979/reipe.2015.0.05.227
- Roskam, I., Raes, M. E., & Mikolajczak, M. (2017). Exhausted parents: Development and preliminary validation of the parental burnout inventory. *Frontiers in Psychology*, 8, 1-12. Doi: 10.3389/fpsyg.2017.00163
- Russell, B. S., Hutchinson, M., Tambling, R., Tomkunas, A. J., & Horton, A. L. (2020). Initial challenges of caregiving during COVID-19: Caregiver burden, mental health, and the parent-child relationship. *Child Psychiatry & Human Development*, 51, 671-682. Doi: 10.1007/s10578-020-01037-x
- Spinelli, M., Lionetti, F., Pastore, M., & Fasolo, M. (2020). Parents and children facing the COVID-19 outbreak in Italy. *The Lancet Child & Adolescent Health*, 1-24.
- Strauss, A., & Corbin, J. (2008). *Pesquisa Qualitativa: Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada* (2ª Ed.). Artmed.
- World's Health Organization. (2020). Parenting in the time of Covid-19. <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-forpublic/healthy-parenting>
- Yin, R. K. (2003). *Case study research: Design and methods* (3ª Ed.). SAGE Publications.

- Young, B., Dixon-Woods, M., Findlay, M., & Heney, D. (2002). Parenting in a crisis: Conceptualising mothers of children with cancer. *Social Science and Medicine*, 55(10), 1835-1847. Doi: 10.1016/S0277-9536(01)00318-5
- Zornig, S. M. A. J. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: O processo de construção da parentalidade. *Tempo Psicanalítico*, 42 (2), 453-470.

ANEXOS

ANEXO I – Guião de Entrevista aos Pais

QUESTÕES DE ENTREVISTA

Quanto mais detalhes conseguir providenciar melhor.

A parentalidade é o conjunto de atividades desenvolvidas pelos pais com o objetivo de garantir a sobrevivência, o desenvolvimento e a educação dos seus filhos.

Questão 1: Quer contar-me um dia familiar típico vosso? Um dia de fim de semana, por exemplo.

Questão 2: Fale um pouco sobre como foram os meses de confinamento.

Questão de Follow-up:

1. Que balanço faz dos meses em que esteve confinado com a sua família? E porquê?

Questão 3:

Pais: Notou alguma diferença no processo de parentalidade (ser pai/mãe) durante o confinamento?

Filhos: Notou alguma diferença no comportamento dos seus pais em relação a si durante o confinamento?

Questões de Follow-up

1. Consegue dar alguns exemplos de uma situação concreta (se existir diferença)
2. Manteve-se tudo igual no exercício da parentalidade? De que forma?

Questão 4: *(se em cima há resposta positiva falar negativo aqui e vice-versa)*

Pais: Quais os principais desafios e pontos a favor/contra do confinamento no processo de ser pai/mãe?

Filhos: Quais os principais desafios e pontos a favor do confinamento na relação com mãe/pai?

Questão 5:

Pais: Houve alguma coisa que o tenha surpreendido nos seus filhos (seja positivo ou negativo)?

Filhos: Houve alguma coisa que o tenha surpreendido nos seus pais (seja positivo ou negativo)?

Questões de Follow-up:

1. Em termos comportamentais, não existiu nenhuma atitude incomum?
2. Em termos afetivos, sentiu maior disponibilidade/retraimento?

Questão 6:

Pais: Notou alguma diferença na relação com o seu filho antes e depois do confinamento?

Filhos: Notou alguma diferença na relação com os seus pais antes e depois do confinamento?

Questão 7: Quer fazer um comentário adicional, reflexão ou colocar alguma questão que ainda não tenha mencionado anteriormente?

ANEXO II – Consentimento Informado



Consentimento Informado – Participante

“Experiência de Parentalidade durante o Confinamento: Perspetiva de Pais e Filhos”

Investigação de Mariana Vieira Costa, sob orientação do Professor Doutor David M. D. Neto.

Esta informação é para que decida se pretende participar no presente estudo. Esta participação é voluntária e pode desistir a qualquer momento, **sem que fique afectado(a) de alguma forma**. O objectivo deste estudo é perceber de que forma a adaptação ao confinamento influenciou o processo de parentalidade. Mais especificamente, como é que cada família se adaptou à situação do confinamento e como a perspetiva individual de cada membro da família influenciou o processo de parentalidade; De que forma os pais e filhos experienciaram a mudança no processo de parentalidade; Como é que a etapa de desenvolvimento em que cada elemento da fratria se encontra influenciou a perspetiva de parentalidade; e Perceber se os Estilos Educativos Parentais se modificaram durante o confinamento, alterando a perspetiva de parentalidade.

Este estudo implica que a presente entrevista seja gravada, no sentido de facilitar a transcrição integral do que for verbalizado ao longo da sessão. **Esta investigação não irá interferir com o decurso da sessão.**

Todos os dados que forneça, incluindo as gravações serão tratadas com cuidado e são **anónimos e confidenciais**. Em todos relatos desta investigação, **nenhuma informação pessoal será divulgada**.

Não há riscos ou desconforto associados a esta investigação. Os benefícios esperados desta investigação serão em termos de fomentar uma capacidade diferente de perspetiva e atuação de parentalidade, em futuras situações de crise.

No futuro, caso tenha qualquer questão relacionada com este estudo, pode dirigir-se ao investigador Mariana Vieira Costa, através do endereço de email marianacosta98@hotmail.com ou via contacto telefónico, através de 910433829.

Por favor assine o seu consentimento, com conhecimento pleno da natureza e propósitos da investigação. Uma cópia deste consentimento ficará consigo.

Fátima, _____

Nome do participante em maiúsculas

Assinatura do participante

MARIANA VIEIRA COSTA

Nome do investigador

Assinatura do investigador

ANEXO III – Assentimento Informado

Termo de Assentimento Informado

Experiencia da Parentalidade durante o Confinamento: Perspetiva de Pais e Filhos



A tua opiniao tambem conta!

Os teus dados não serão partilhados com ninguém.

Podes desistir a qualquer momento.

Fátima, _____ de _____ de _____

Assinatura Participante

Assinatura Investigador

Mariana Vieira Costa | ISPA | Ano Letivo de 2020-2021 | marianacosta98@hotmail.com | 910433829

ANEXO IV – Cronograma disponibilizado às Famílias



Ano Letivo de 2020/2021

Investigação de Dissertação para Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica

Sob orientação do Professor Doutor David Neto

“Experiência de Parentalidade durante o Confinamento: Perspetiva de Pais e Filhos”

Programa Geral

Reuniões	Objetivo	Dia/Duração
1º Momento Contato Inicial com Famílias	Apresentações; Apresentação do Projeto de Investigação e Esclarecimento de Dúvidas; Dinâmica de Quebra Gelo.	11/11/2020 Quarta-feira 1 Hora
2º Momento Consentimento Informado	Assinatura do Consentimento Informado e Esclarecimento de Dúvidas; Preparação mais detalhada do 3º momento; Dinâmica de Quebra Gelo.	30/11/2020 Segunda-feira 1h30 minutos
3º Momento Entrevistas Individuais	Realização de Entrevistas Individuais a cada elemento da Família Balanço final e Esclarecimento de Dúvidas Momento de Agradecimento	08/12/2020 Terça-feira ~3 Horas
4º Momento	A DEFINIR, SE NECESSÁRIO	

ANEXO V – Questionário Sociodemográfico



Folha Sociodemográfica das Famílias

O estudo contará com a participação de duas famílias distintas, com a característica comum de serem ambas famílias numerosas, cuja composição filial é de três ou mais filhos. Por forma a manter o anonimato e confidencialidade dos dados de cada membro do agregado familiar, serão atribuídas as designações de G e S, mediante as iniciais do apelido de família.

A família G reside no distrito de Santarém e é composta por seis elementos: o pai, a mãe e as quatro filhas do casal, com idades compreendidas entre os três e os 40 anos. Os pais são casados e têm idades de 37 (mãe) e 40 anos (pai). Já o subsistema filial é composto por quatro elementos do sexo feminino, com idades compreendidas entre os três e os 17 anos, existindo por isso, pelo menos, uma criança e uma adolescente.

A família S, à semelhança da família G, reside também no distrito de Santarém e é composta por oito elementos: o pai, a mãe e os seis filhos do casal, com idades compreendidas entre os dois e os 42 anos. Os pais são casados e têm idades de 42 (mãe) e 41 (pai). Já o subsistema filial é composto por seis elementos, sendo cinco do sexo masculino e uma do sexo feminino, com idades compreendidas entre os dois e os 14 anos, existindo por isso, pelo menos, uma criança e um adolescente.

Ademais relevar que, embora a família S seja composta por um total de seis filhos, apenas cinco deles participam do estudo, dada a idade cronológica do elemento mais novo (dois anos).

ANEXO VI – Índice de Codificações Iniciais

1. Apoio Extra – 1, 45, 46, 65, 72, 83, 86
2. Azáfama – 1, 126, 141
3. Tolerância Parental -1, 50, 52, 82, 104
4. Espaço Exterior – 1, 30, 89, 126
5. Restrição/Limitação – 1, 2, 3, 4, 5, 8, 15, 19, 23, 33, 36, 46, 62, 72, 81, 91, 93, 99, 106, 116, 139, 150, 152
6. Conformismo – 2
7. Leveza – 2
8. Liberdade – 2, 19, 74, 82, 99, 107
9. Brincadeira/Entretenimento – 8, 17, 30, 106, 115, 117
10. Gestão/Organização – 2, 9, 17, 20, 22, 83, 86, 130
11. Diversidade de Tarefas – 130, 142
12. Imposição de Regras e Limites – 10, 25, 49, 63, 75, 112, 125, 129, 146
13. Impossibilidade de Imposição da Vontade – 95
14. Desgaste Emocional – 4, 6, 7, 62, 89, 137
15. Partilha – 6, 82
16. Proximidade Física – 86, 126, 138
17. Adaptação - 87
18. Pressão – 9
19. Disponibilidade Afetiva – 9, 22, 28, 65, 67, 68, 76, 78, 83, 85, 110, 113, 120, 127, 135, 140, 145
20. Número de Filhos – 9
21. Exigência Parental e Escolar – 10, 72, 138

22. Responsabilidade – 10, 87
23. Constância Relacional e Afetiva – 11, 34, 43, 48, 54, 55, 63, 96, 98, 100, 128, 130, 134, 136, 143, 149, 151
24. Impacto do Trabalho dos Pais – 21, 64, 147
25. Brincadeira no Espaço Exterior – 1
26. Tarefas Escolares – 46, 85, 93, 126
27. Contacto com o Exterior – 17
28. Contacto com Familiares Próximos – 19, 31, 35, 56, 89
29. Excesso de Trabalho Parental - 97
30. Aproximação/União – 6, 7, 22, 29, 60, 67, 68, 70, 79, 80, 83, 86, 90, 104, 122, 132, 140, 146, 150, 151
31. Dependência da Iniciativo do Outro – 26
32. Novos Hábitos – 29, 44, 56, 79, 103
33. Exploração de Novos Lugares - 31
34. Permissividade Parental – 8, 44, 75, 127
35. Maior Oportunidade de Diversão – 47, 60, 62
36. Aborrecimento - 47
37. Rotinas – 56, 147
38. Controlo Parental – 2, 63
39. Maior Atendimento às Necessidades – 2, 64, 65, 83
40. Aquisição de Novas Habilidades – 73
41. Diversidade de Entretenimento/Atividades – 3, 31, 60, 73, 85, 86, 105, 126, 138, 148
42. Misto de Sentimentos – 83
43. Cansaço – 83, 86, 149
44. Intensidade do Processo Parental – 2, 85

45. Maior Dedicção às Diferentes Atividades/Suporte Parental/Envolvimento – 2, 36, 86, 126, 142
46. Privação de Autocuidado – 86
47. Alterações de Humor/Emocionais – 89
48. Distanciamento Emocional – 102
49. Retorno de Velhos Hábitos – 104
50. Resiliência/Capacidade de Resolução de Problemas – 60, 127
51. Inculcar Valores – 129
52. Compreensão Parental – 75, 129
53. Colaboração Filial – 129, 130, 142
54. Desenvolvimento Cognitivo – 133
55. Dependência das Tecnologias – 131, 139, 151
56. Maior Conhecimento do Outro – 140
57. Contradição/Dualidade – 1, 3, 6, 125, 126
58. Capacidade Organizacional – 87, 129
59. Conflito/Tensão – 21, 25, 38, 69, 74, 83, 87, 104, 127, 148, 150